

FRANCISCO MARINS

EM BUSCA DO DIAMANTE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Francisco Marins

**EM BUSCADO
DIAMANTE**

A volta da expedição aos Martírios

Série Vaga-Lume



TEXTO

Editor: Fernando Paixão

Editora assistente: Carmen Lucia Campos

ARTE

Edição e diagramação: Zig Zag

Layout de capa: Ary A. Normanha

Ilustrações da capa e miolo: Nelson Reis

Editora Ática, 1995

Este e-book

Digitalização: The Flash

ePub: SCS

Contracapa

Um enorme diamante destinado ao Imperador acaba de desaparecer misteriosamente. A suspeita logo recai sobre os integrantes da Expedição Langsdorff. Para provar a inocência de seus amigos, Tonico e Perova se lançam em uma aventura que os colocará diante de tribos desconhecidas, escravos fugidos, bandidos perigosos e rios traiçoeiros.

Venha explorar com esses dois heróis um pouco do imenso território brasileiro e viva momentos da mais pura emoção.

Navegando Rumo à Aventura

Após quatro anos de viagem pelos sertões de Mato Grosso e Goiás, Tonico e Perova resolvem voltar a São Paulo. Os dois acabam se juntando a um grupo da famosa Expedição Langsdorff, que, sob o patrocínio do governo russo, está percorrendo o território brasileiro com fins científicos. Mas logo surge um problema quando os membros dessa expedição são acusados de terem roubado um valiosíssimo diamante.

Enquanto toda a carga é revistada, Tonico e Perova partem em busca da outra equipe, que tem os documentos oficiais autorizando a pesquisa. Mal sabem eles, porém, dos perigos que os aguardam a cada curva do rio ou nas muitas trilhas que terão de percorrer...

Para saber o que vai acontecer com nossos amigos, acompanhe as aventuras dessa dupla corajosa pelas terras selvagens do Brasil do século passado.

Conhecendo Francisco Marins



Neste seu novo livro Francisco Marins continua a sua tradição literária: aventura e passado histórico se confundem, criando um enredo que, além de divertir, ensina muito dos costumes do nosso país. Para isso, contribui o fato de o escritor ter vivido sua infância em contato com o mundo rural, de onde colheu inspiração para suas obras.

Nascido em Pratânia, interior de São Paulo, em 1922, Francisco Marins procura sempre abordar temas brasileiros, com base nos episódios de nossa história e nas lendas de nossa terra. Seus livros já se tornaram clássicos da literatura para crianças e adolescentes, tendo sido editados dezenas de vezes e traduzidos para vários idiomas.

Recado do Autor

Aos jovens leitores que ainda não leram os escritos de Tonico sobre suas aventuras com Perova nos sertões bravios

Tudo começou quando, certo dia, Tonico e Perova, partindo da antiga cidade de São Paulo, se engajaram na famosa “Expedição dos Russos” que, com objetivos científicos e de conhecimentos dos indígenas, percorreria vastas regiões pouco habitadas de São Paulo, Goiás, Mato Grosso e até dos confins do Amazonas.

Após navegarem pelo Tietê e outros rios, em Cuiabá, Tonico e Perova despedem-se dos viajantes e partem para a região dos Araés e da Montanha das Duas Cabeças, à procura do tio Juvenal, que sonhava encontrar os lendários Martírios, região de muito ouro e cheia de mistérios.

Foram muitas as aventuras e sofrimentos, em contato com índios, animais selvagens, garimpeiros e faiscadores de ouro e pedras preciosas. E várias vezes nossos heróis estiveram a pico de morrer nas mãos do traçoeiro Bugre-do-Chapéu-de-Anta, obcecado por encontrar o lugar de tantas riquezas.

Certo dia, também, a caverna em que ele se escondia foi atingida pelo fogo e Tonico e Perova tinham como certo que seu implacável inimigo morreria.

A serra dos Martírios fora vista pelo menino Antoninho, que seria mais tarde o grande bandeirante Antonio Pires de Campos, e que havia ido aos sertões com seu pai, como era de costume naqueles tempos.

Mais tarde ele tentou traçar, de memória, um roteiro e um mapa para chegar àquele lugar misterioso.

Mas, apesar de muitos aventureiros e sertanistas terem ido à procura dos Martírios, o morro continuou, por décadas, inencontrável e não o foi nem pelo tio Juvenal, nem pelo Bugre, nem por Perova e Tonico.

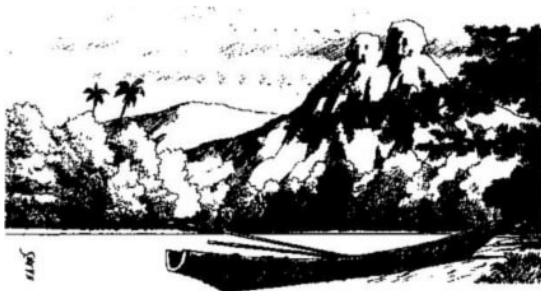
Atualmente já se tem certeza — o lugar situa-se em terras do coração do Brasil. Os Martírios existem!

Certamente seria o próprio Tonico, herói daquelas narrativas, a pessoa mais indicada para recordar, com seu jeito gostoso de dizer as coisas, o que ocorreu antes da partida de Quilombo-Açu, lugar situado nos sertões do Oeste, em quatro anos de longa e perigosa viagem. E, depois, também tintim por tintim, contar as aventuras da volta, ao longo dos rios e terras desconhecidas.

Mas... vamos acompanhar o retorno dos dois, no ploc... ploc... dos remos, rio abaixo, rumo ao Amazonas!

Primeira Parte

A PARTIDA



Adeus à Montanha das Duas Cabeças

Perova, de pé na canoa, levantou os braços e disse adeus ao morro, que logo ia desaparecer de nossa vista, lá onde as labaredas haviam destruído todo o verde e a paisagem ficara de cor escura e triste.

Por aquela encosta nós dois havíamos subido, muitos dias antes, à procura do Bugre-do-Chapéu-de-Anta.

— Gostou do nome que arranjei pra esse lugar, Tonico?

— Você aceita em cheio ao colocar apelido nas pessoas e, também, quando inventa palavras esquisitas que, depois, grudam mesmo — respondi, e completei:

— Está batizado, mesmo sem padrinho. Fica sendo a Montanha das Duas Cabeças. E o motivo, nós dois sabemos.

— Espero que os nomes Coxipó e Capataz, os bandidos que maltrataram os trabalhadores das minas, obrigando tanta gente a trabalhar como escravo, sejam esquecidos para sempre.

— É isso! — concordou Perova.

Nem ele nem eu podíamos prever que, muito tempo depois, eu iria escrever minhas lembranças e contar as incríveis aventuras por nós vividas no interior ainda selvagem do país, através de florestas, pantanais, rios caudalosos e riachos de corredeiras.

Assim, ao lado dos nomes dos companheiros de jornada e de tanta gente boa que encontramos, eu também haveria de colocar os dos perigosos inimigos ou bandidos que cruzaram nossos caminhos. Entre estes, os donos daqueles crânios, espetados em duas estacas, e que lá ficaram, brilhando ao sol. Os dois tiveram castigo exemplar!

— Por aquelas cavernas do morro, nunca mais boto os meus pés! — continuou Perova, demonstrando raiva. E até gritou, como a desafiar a serra queimada:

— Te arre nego, te esconjuro, praga do cuizarruim!

— Nem eu! E pra quê? Pra ver as caveiras, pra lembrar o que aconteceu com o Bugre? Mas... pensando melhor, a gente nunca deve dizer “desta água não volto a beber”, e, como você mesmo diz, “o homem põe e Deus dispõe”, não é?

— É isso, mas antes de dar a primeira remada, joguei um pedregulho, bem redondinho, por cima da cabeça e não quis ver onde caiu n’água e se fez tchibum. Vamos com o vento, Tonico!

— Só com o vento bom. E a corrente tem que puxar, puxar ligeirinho e nos arrastar pra frente. Atrás, só vai ficar a esteira de borbulhas.

— Você até parece troveiro, cantador, sei lá...

De fato, eu estava muito alegre quando, naquele dia, peguei no remo com disposição para uma longa viagem, que ia começar na manhã ensolarada, de aragem fresca a encrespar de leve a superfície da água, que rolava, rolava, pra muito longe.

— Estou tinindo de vontade de ver o Amazonas, o maior rio do mundo, como dizem. Um verdadeiro oceano de água doce.

— É... é... você vai ver! — respondeu Perova, aumentando com energia seus impulsos no remo.

Naquele instante, não atinei bem com o sentido de sua resposta: “você vai ver”. Mas guardei bem aquelas palavras.

Realmente, nós dois iríamos enfrentar, na volta, novos desafios, após quatro anos de aventuras e sofrimentos em rios e selvas, desde o dia em que saímos de São Paulo e, depois, pelo curso do Tietê e outros mananciais^[1], que rolavam para Oeste, seguimos, tal como os bandeirantes em tempos passados, para os rincões^[2] de Mato Grosso e Goiás.

O roteiro de volta, entretanto, devia ser muito diferente. Não mais via Cuiabá, mas por Santarém e, depois, pelo Amazonas, o rio-mar^[3], até o Pará.

— Uma coisa me preocupou ontem à noite — disse Perova.

— Que foi? — interroguei, achando que não podia ser, pois Perova até ali só revelara alegria e otimismo.

— É que não contei pra você, mas o bando do Maromba está em Quilombo-Açu.

Eu ouvira dizer sobre o aventureiro que, na região dos Araés, atacara os índios e garimpeiros, queimara choças^[4] e causara mortes.

— E ele voltou?

— Sim. E espero que nada saiba sobre o grande diamante! — respondeu Perova.

— A pedra preciosa está bem guardada com o Sr. Durão!

— É verdade, mas a cobiça é caminho curto para o crime. Fiquei preocupado. Ele tinha razão. Matar ou morrer certamente pouco importava para aqueles bandidos.

Mas nós estávamos deixando Quilombo-Açu e não queríamos mais pensar

no enorme diamante, descoberto por nosso amigo Tinguá e que o Sr. Durão, funcionário do governo, pretendia mandar ao nosso imperador, no Rio de Janeiro.

Havíamos navegado toda a manhã e boa parte quando, em curva do rio, olhei para dar uma última despedida à Montanha das Duas Cabeças, que já desaparecera de vez. E não pude conter uma exclamação em voz bem alta:

— Caramba! Essa não! Parece praga de urubu!

Perova voltou-se rápido, colocou a mão na testa para se proteger dos raios do sol, olhou para a fita larga da corrente, ladeada pela floresta, e soltou um grito agudo, muito seu e que parecia ronco ou assobio de guariba^{5}, anunciando chuva, mas apenas demonstrava surpresa.

Paramos de remar e vimos uma canoa com seis remadores.

— Atrás de nós dois é que não vêm, não é?



— Atrás de nós dois é que não vêm, não é?

— Só se você fez alguma estripulia lá no povoado — arreliou Perova.

— Quem não deve não teme! Só pode ser com os gringos! — respondi, referindo-me aos viajantes da “Expedição dos Russos”.

A nossa frente seguiam cinco barcos, conduzindo parte de um grupo de viajantes estrangeiros que regressavam do interior após quatro anos de longa viagem cheia de perigos e sofrimentos. Seus barcos estavam carregados e os remadores contratados se esforçavam para mantê-los em meio da correnteza.

O Sr. Hércules^{6}, que melhor se entendia conosco e até se tornara nosso amigo, comandava aqueles expedicionários.

Eu e Perova conseguimos um lugar entre eles para nossa volta do sertão, com a tarefa de abastecê-los, no dia-a-dia, de caça e pesca. E, também, para ajudar no entendimento com moradores e tribos das regiões ainda a percorrer, pois os anos de contato com aquela gente nos davam traquejo para compreender-lhes as falas, os costumes e as atitudes, o que realmente não era fácil para os estrangeiros.

E estávamos muito contentes com as possibilidades de tais trabalhos e da ajuda que, de novo, poderíamos lhes dar. Já éramos conhecidos dos simpáticos viajantes, com os quais havíamos percorrido, anos atrás, o Tietê e vários outros rios, até Cuiabá.

Atitude estranha do “Capitão”

Aos gritos e assobios, e também por gestos, um homem de pé na popa^[7] nos intimava a parar.

Ninguém compreendia o inesperado da situação. Mas o Sr. Hércules, a contragosto, ordenou que os seus canoës se dirigissem para a margem, e foi onde os perseguidores nos alcançaram. Reconhecemos o Sr. Durão, baixote, obeso e calvo. Funcionário do governo, encarregava-se de fiscalizar, nas regiões de minas de ouro e diamantes, o pagamento de tributos. Tornara-se prepotente ao comandar um grupo de sertanistas armados, os quais também lhe serviam de remadores e o chamavam de “Capitão”.

— Parem! Parem! São ordens!

Todos os barcos foram sendo encostados.

— Mostrem a ordem oficial para navegar nos “meus” rios e carregar daqui plantas e pedras preciosas! — gritava, exasperado.

O Sr. Hércules estava perplexo. Havia tanto tempo que ele e seus companheiros percorriam o interior do país e nunca tinham sido interceptados de forma tão intempestiva^[8].

O guardião das minas continuava a gesticular, ameaçador. Queria ver os documentos que permitiam àqueles estrangeiros livre passagem pelos rios, conduzindo seus canoës.

E se no meio daqueles numerosos volumes estivessem escondidos ouro ou pedras preciosas?

Para nós tal atitude era injustificada, pois, em Quilombo-Açu, ele já tivera conhecimento da “Expedição dos Russos” e fizera ligeira vista grossa. Conosco também procedera de modo cordial. Qual o motivo da reação tardia?

Felizmente, entre as pessoas do grupo, vimos o Sr. Manfredo, nosso velho conhecido, a quem devíamos alguns favores.

O Sr. Hércules, muito nervoso, mal entendendo as palavras do exator^[9] das minas e sem saber como atender-lhe às exigências, olhava para mim e Perova, como a solicitar ajuda.

O Sr. Durão inexplicavelmente fingiu não nos conhecer:

— Todos os fardos vão ser abertos! Todos! Já e já!

Dirigindo-me ao Sr. Manfredo, exclamei:

— É um absurdo! — e perguntei-lhe se sabia o motivo da mudança de atitude do “Capitão”.

O Sr. Manfredo nos explicou que um mensageiro, vindo de Cuiabá, trouxera ordens do governo para investigar todas as caravanas que percorriam o interior, no sentido de combater contrabandos. Os viajantes deviam ser examinados e suas bagagens revistadas. Por outro lado, o Sr. Durão muito se espantara ao saber que a “Expedição dos Russos” levava cargas tão numerosas que precisassem ser conduzidas até os barcos por cem mulas.

O Sr. Manfredo, entretanto, à boca pequena, nos confidenciou que o principal motivo da atitude insólita [{10}](#) do Sr. Durão prendia-se a um acontecimento terrível: o diamante, que estava sob sua guarda, talvez o maior do Brasil e prometido ao imperador, fora roubado na noite anterior à nossa partida. Um estranho penetrara no compartimento em que estava guardado e o surrupiara.

Lembrei-me de que a pedra, encontrada algum tempo atrás por Tinguá, jovem trabalhador escravo de um garimpo, com o qual fizéramos boa camaradagem, também servira para lhe comprar a alforria [{11}](#) e a de seu irmão.

A gema [{12}](#) preciosa causava admiração e certamente despertava cobiça!

O Sr. Manfredo ainda nos informou:

— O “Capitão”, muito revoltado, deduz que, pela audácia e circunstância do roubo, o responsável é pessoa astuta. E por que não suspeitar dos gringos?

Decidira, então, ir verificar se entre parasitas, bromélias, cactos e objetos indígenas, que a expedição conduzia, também haveria ouro, pedras preciosas e talvez, bem escondida, a preciosa gema.

Não restava outra alternativa: toda a bagagem, em fardos amarrados, devia ser conduzida pelos remadores dos barcos para a margem.

Eu e Perova, bastante aborrecidos, tínhamos como certo que o Sr. Durão também desconfiava de nós.

Impotente, o Sr. Hércules dispôs-se a colaborar e, como previa demora, ordenou que machadeiros derrubassem árvores para construir ranchos de pau-a-pique [{13}](#), cobertos com folhas de palmeira, para dar abrigo improvisado a todo o material recolhido, penosamente, de pontos longínquos do território, de vilarejos e aldeias indígenas.

— Quero a ordem escrita! — insistia, a esbravejar.

Em toda a viagem, lembrava-se o Sr. Hércules, só em Cuiabá o papel

oficial fora solicitado ao chefe, o barão de Langsdorff, mas este se encontrava muitas léguas à frente, em outro grupo da expedição.

O Sr. Manfredo tentou dissuadir o “Capitão”, mas não conseguiu.

— Toda bagagem vai ser revistada! Toda! — dizia.

Perova quis saber do Sr. Manfredo detalhes sobre o roubo do diamante, mas este pouco sabia. Tudo o que ouvira fora da boca do próprio “Capitão”, que também dizia suspeitar de um tipo estranho, meio índio, meio branco, que aparecera no povoado com um grande chapéu à cabeça, sandálias de couro e profundas gilvazes^{14} na face.

Ao ouvir sobre aquele tipo, eu e Perova ficamos chocados e muito confusos. A descrição se ajustava ao Bugre-do-Chapéu-de-Anta que, por todas as circunstâncias, devia estar morto, quando labaredas, subindo pela encosta da Montanha das Duas Cabeças, alcançaram a caverna na qual nosso terrível inimigo se escondera.

Mas, sabíamos, o Bugre sempre tivera sorte e “fôlego de gato”! E talvez houvesse escapado ao fogo e à fumaça!

Um barco solitário em noite escura

À tardinha, enquanto os barcos dos viajantes iam sendo carregados, eu e Perova saímos, com autorização do “Capitão”, para tentar alguma pesca, pois as bocas para comer haviam aumentado.

Dirigimo-nos, por terra, a um corixo^{15} e, já pelo escuro, nos acoramos à margem do rio, em meio às canaranas^{16}, para tentar apanhar alguns pintados.

A lua cheia surgia, a intervalos, por entre nuvens escuras e carregadas e permitia-nos ver a corrente, de uma margem à outra. As águas rolavam mansas, mal encrespadas por leve sopro da brisa.

— Vamos ter “chuvarão” nos próximos dias! — disse meu amigo, olhando o céu.

Queria dizer aguaceiros de verão, desses que caem, de repente, em mangas pesadas e provocam enxurradas volumosas como verdadeiros riachos. Depois ficou, por bom tempo, silencioso, com a linha do caniço atirada à água, a ruminar ideias. Nem parecia se dar conta de que o anzol já estava sem isca e, assim, nenhum peixe iria beliscar. Eu sabia, o modo de pescar com vara não era do seu agrado. Ele gostava de fazer ceva e cercar o igarapé^{17} e, como faziam os índios, bater o cipó-timbó^{18}, que soltava sua seiva na água e paralisava os peixes. Assim, apanhava de montão. Fingar um a um, com anzol e linhada, não era do temperamento de Perova.

Eu, mais atento à pescaria, peguei um pintado de bom porte, que exigiu esforços para ser retirado da água. Só então meu companheiro pareceu despertar de seu alheamento^{19} e veio em minha ajuda. Porém, tal ajuda era desnecessária, pois o peixe não ofereceu resistência e logo se tornou o exemplar solitário no cesto de taquara, que deveria, ao contrário, voltar cheio.

De fato, aquele não seria dia bom para pescador, mas o dia da pesca, pois nada mais pescamos. De repente, Perova colocou a mão em meu braço e apontou para a outra margem do rio.

A princípio não consegui enxergar senão a faixa líquida e, do outro lado, um barranco alto.

— Que foi? — interroguei.

— Veja, nesta direção, um pouco adiante da copa da árvore mais alta, depois do pau seco...

Atentei para o lugar indicado mas, no momento, uma nuvem voltava a

encobrir a lua. E nem eu nem ele pudemos ver mais coisa alguma.

— Que acontece? — inquiri.

— Um barco desce pela outra margem!



Um barco desce pela outra margem!

Fiquei atento, na esperança de que, movendo-se a nuvem, voltasse o luar. Mas a escuridão permaneceu e nada mais vimos.

— É muito estranho! Um barco com vários remadores — confirmou.

Eu duvidava. Talvez Perova tivesse se confundido, pois dificilmente alguém iria navegar à noite, rente à margem, sempre com bancos de areia, pontas de paus e pedras, em vez de ir pelo meio do rio.

— Você tem algum palpite a respeito? — perguntei.

Perova pensou um pouco e respondeu:

— Estou confuso. Mas desconfio...

— Diga, então!

— Pode ser mesmo o Maromba! Que, no caso, roubou o diamante e foge para um lugar onde não é conhecido, talvez para Santarém.

Não quis insistir, nem estava com disposição. E, como as muriçocas^{20} não nos deixavam em paz, desistimos de pescar e voltamos para o acampamento com um único peixe no samburá^{21}.

— A nossa pescaria, eles vão dizer que nem dá para palitar os dentes, ou “assam no dedo”.

— É capaz de nos despedirem, por maus pescadores!

Noivado à vista?

No dia imediato, muito assustado, o Sr. Hércules nos confidenciou que notara a falta de dois de seus remadores, entre os trinta que compunham o grupo, e justamente os contratados em Quilombo-Açu.

Apoderaram-se de pequena canoa e fugiram.

O Sr. Hércules temia pela reação do “Capitão”, ao saber da fuga, fato que não podia ser oculto por mais tempo.

Procurei acalmar o Sr. Hércules e ficamos conversando longamente.

Recordo-me de que sempre me tratava com muita consideração. E, quando nos convidou, em Quilombo-Açu, para de novo fazermos parte de seu grupo, na viagem de volta, ele me repetira sobre nosso primeiro encontro, batendo em meu ombro:

— Jovem amigo, estou muito feliz! Muito alegre mesmo. Como já lhe disse, você está ligado a uma ótima lembrança de minha vida!

Notei que desejava me falar novamente sobre aquele assunto:

— O que está acontecendo, Sr. Hércules? — perguntei.

— Lembra-se da boa senhora, esposa do Sr. Alvares Machado, que acolheu você em sua casa, em Itu, depois de nossa partida de Porto Feliz? Foi ela também a responsável por ter reencontrado os companheiros da expedição, dias depois. Pois essa senhora estava em companhia de uma linda e prendada moça, de nome Maria Angélica.

— Sim, eu me recordo de tudo — respondi.

— Pois eu — continuou o Sr. Hércules — nunca mais me esqueci da senhorita Maria Angélica e até prometi ao pai que um dia ia voltar e, se ele me aceitasse como genro, pedia a mão de sua filha em casamento.

O estrangeiro, muito alegre, tinha então um papel na mão, que não cansava de ler e reler.

— Pois é, amiguinho Tonico, depois de tanto tempo recebi, por um verdadeiro milagre, neste sertão distante, trazida por viajantes até Cuiabá e de lá até aqui, uma carta de Maria Angélica que posso chamar, de agora em diante, de minha noiva!

— E o senhor então não voltará mais ao seu país distante?

— Não, o Brasil, já decidi, venho sempre dizendo, vai ser minha pátria! Gostei de ter viajado por esses sertões bravos e conhecido sua gente rude e

sofrida, mas sempre acolhedora. Que território imenso tem o Brasil! Este país será o celeiro do mundo! — concluía, daquela vez muito eufórico.

O Sr. Hércules mostrava-se muito preocupado com o acontecimento do dia:

— A única forma de acalmar o “Capitão” é vocês dois descerem pelo rio Juruena até a aldeia dos Apiacá, onde já deve ter chegado, procedente do rio Arinos, o chefe da nossa expedição. Ele guarda os papéis que nos autorizam viajar pelo país.

— E quanto ao diamante? — quisemos saber.

— Nada temos a ver com isso — respondeu-me de pronto. — Mas o caso agora se complica e não sei como explicar a fuga dos remadores.

— E, o “Capitão”, muito nervoso, não diz coisa com coisa... O Sr. Hércules, entretanto, aguardava nossa resposta.

— Se Perova topa, vamos buscar os documentos — disse. Ele alegrou-se. Tocou em meu ombro, com algumas palmadas:

— Que bom ter amigos assim. Agora só depende do “Capitão” confiar e concordar.

Mais tarde, o Sr. Manfredo se encarregou de conversar com o Sr. Durão.

Este, a princípio relutou, pois não queria intermediários! Acabou, porém, aceitando de mau humor e nos fez uma advertência: Se desguaritássemos ^{22}, não retomando com os documentos, iria atrás de nós e nos daria castigo. Seríamos considerados coniventes ^{23} com os “crimes” daquele grupo.

Perova, que não era de engolir desaforo, revidou à altura: Guardasse o “Capitão” suas ameaças. Nós dois — disse ele — íamos ajudar o Sr. Hércules e seu grupo, certos de que não conduziam ouro ou pedras preciosas e, também, nada tinham a ver com o desaparecimento do grande diamante.

E, num rasgo de coragem e desafio:

— Nossa palavra está empenhada e o senhor não duvide! Voltou-lhe as costas e saiu pisando duro, cabeça levantada, altivo como sempre.

Temi que, naquele momento, o poderoso e prepotente guardião das minas mandasse nos amarrar com cordas e embiras ^{24}. Mas só resmungou palavras de desprezo e se retirou.

Naquele dia ainda percebi que o Sr. Manfredo quis se aproximar de nós às escondidas do “Capitão”, mas não conseguiu, pois junto dele sempre havia um dos homens da guarda, por sinal mal-encarado, a se interpor entre nós bastante ameaçador.

Compreendemos, porém, que queria nos segredar alguma coisa. No dia imediato, quando nos preparávamos para partir, o Sr. Manfredo se aproximou rapidamente e disse:

— Tem “dente de coelho” nesse caso do roubo do diamante. Queria dizer que desconfiava. Então o guarda com cara de mau chegou logo, ameaçador, e tratamos de sair.

Aventuras inesquecíveis

Nosso barco, para quatro pessoas, tinha na popa pequena cobertura de sapé para nos proteger das ardências do sol e, ao centro, provisões de farinha, abrigadas por um couro ressequido. A elas juntei o peixe, que pescara à noite, esviscerado^{25} e moqueado^{26}. De fato, não dava para tanta gente, mas servia para nós dois.

A embarcação leve, de madeira escavada, fora feita para servir de cabana flutuante. Perova gravara na madeira, a facção, na parte externa, os nossos nomes e garatujara^{27} também duas figuras rústicas.

— Este é você! — disse ele, apontando para o que tinha o braço levantado, como a dar ordens, pois me considerava o patrão.

A outra figura representava um remador, de chapéu abudo^{28}, com o varejão^{29} a fazer força — este era ele mesmo. E deu à piroga^{30} o nome de “Pixuíra”, para a gente se lembrar do amiguinho índio que ficara lá no sertão e com quem vivêramos muitas aventuras.

— A turma vai ter que se contentar com carne pior! — arreliou Perova.

— Os dois bambas indo embora, o jeito é se defenderem... com rabo de jacaré, bem assadinho, que não é tão ruim...

A viagem prometia ser bem ao gosto de Perova que, pelo seu temperamento, preferia agir como livre atirador, em vez de atender às obrigações diárias da expedição. E, também, não se sentia à vontade na companhia dos viajantes. Sozinho podia correr mundo, ver sempre horizontes novos, tomar decisões, enfrentar perigos com as próprias forças. E estes, realmente, não tardaram a aparecer, com contínuos desafios.

Quando penso hoje, tantos e tantos anos já passados, nos lances daquela viagem, cujo regresso mal iniciávamos, não compreendo como reuni forças para superar tantas dificuldades e perigos. Antes, percorrêramos centenas de léguas^{31} a pé, a cavalo e, na maior parte do tempo, à força de remos e varejões, dentro de pequenos barcos, em águas infestadas de jacarés gulosos, ou sob galhos ou ramagens, onde se enroscavam sucuris preguiçosas a digerir capivaras e pacas, ou ainda à espreita de caças desprevenidas, que podiam ser nós mesmos...

Foram, entretanto, aventuras e tempos inesquecíveis que, muito depois, eu resolvi contar, escrevendo uma espécie de memórias. Assim, outras pessoas ficariam conhecendo as aventuras de Tonico e Perova quando fomos à procura

dos Martírios e, também, sobre os incidentes da volta. E, estou certo, tudo o que está escrito de fato aconteceu. Não trouxe da viagem nenhuma riqueza material, mas durante aqueles anos fortaleci minha vontade e ganhei experiências que muito haveriam de me servir nos anos futuros. E isso não foi um tesouro? Certamente que sim!

Perova tinha um temperamento especial e disposição incomum para enfrentar o dia-a-dia das viagens e suas adversidades. Alguns anos mais velho, ensinara-me, desde pequeno, a lidar com tropas de burros, a cavalgar, a remar e caçar. Era para mim como pai, embora sempre me tratasse como seu patrãozinho. E suas experiências de vida e conselhos sempre valeram muito.

E não foi diferente naqueles dias. De pé na proa, ele ria, soltava exclamações inesperadas, apontava para os pássaros que cortavam os céus, indiferentes, para os tuiuiús^{32} na areia das margens, para o bicho preguiça a se mover lerdamente na galhada.

— Será que vamos encontrar mesmo o chefão dos gringos? — interrogou Perova.

Lembrei-me de que no início de nossa viagem, há quatro anos passados, conhecera o comandante da expedição — um homem alto, forte, branquelo, que falava firme com os seus e dava ordens numa língua esquisita. Conosco, entretanto, quem se entendia era o Sr. Hércules, que arranhava^{33} o português e mais tarde haveria de se tornar meu amigo.

Os demais membros do grupo tinham tarefas próprias. Uns apanhavam orquídeas, cactos, bromélias, samambaias e plantas exóticas. Outros desenhavam ou dissecavam^{34} animais. Um deles ficava à noite a olhar, com uma luneta, as estrelas do céu; o Sr. Hércules escrevia o seu diário de viagem e desenhava paisagens.

Naquele tempo não entendia as razões de os viajantes carregarem tantos amarrados contendo colares, enfeites, redes, sementes, arcos, tapetes e animais empalhados, coisas para nós sem valor. E antes, Perova, muito desconfiado, quando descíamos o Tietê, até me interrogara:

— Será que essa gente não está atrás de ouro e de pedras preciosas? Talvez procure as minas dos Martírios, como o Bugre e o seu tio Juvenal!

Perova implicava por vê-los falarem entre si meio cochichando e não entendermos bulhufas do que diziam.

Eu me perguntava, então, se valera a pena, para eles, tantos anos nas selvas — a perda de um membro da expedição, como acontecera com o jovem Adriano, o desenhista, que se afogara em um dos rios, o sofrimento com as

maleitas-bravas e outras doenças — para levar, ao final, aqueles volumes e amarrados...

Por isso o “Capitão” desconfiava. Deviam existir mais coisas escondidas!

Índios gigantes?

O “Pixuíra” deslizava suavemente e nós, despreocupados, parecíamos donos de nosso destino.

À beira do Juruena estendiam-se alagadiços, entremeados de ilhotas de vegetação rala e, mais pra frente, terras onduladas e a floresta densa.

Tínhamos um largo estirão a percorrer até a tribo dos Apiacá, bastante populosa e formada por índios que, segundo nos haviam explicado, não eram agressivos com os brancos. Viviam às margens do rio chamado das Corredeiras, que cortava a floresta à nossa direita e desaguava no Juruena. A aldeia ficava distante duas léguas da foz daquele rio.

Perova preferira navegar a regular distância da margem. Aves aquáticas e enormes jacarés tomavam sol, pachorrentos, na areia. Presenciamos um deles abocanhar, sem esforço, um filhote de tuiuiú que, mal saído do ninho, desajeitado, caíra da árvore.

Certamente estava mais saboroso para ele do que os nacos de carne de peixe assado sem sal, com farinha de milho ou mandioca, dos quais já estávamos enjoados.

Algumas vezes Perova empurrava o “Pixuíra” para os lados, descia e sondava a região, à procura de carregadores^[35] de capivaras ou de pacas.

Certa feita, vimos uma trilha que mergulhava na mata e muitos rastros. Ali encontramos uma choupana com um morador, uns pés de pacova^[36] e um renque^[37] de palmiteiros. Um cachorro magro latiu.

O homem parecia viver ali com a mulher, esta descendente de índios. Mal entendeu o que tentamos lhe falar. Perova queria saber sobre a picada para chegar aos Apiacá.

Ele abanou o braço em gesto negativo. Ficava a muitos dias de viagem rio abaixo, pela margem direita, junto a um coqueiral.

— E aquela trilha, ao fundo de sua casa, para onde conduz? — perguntamos.

— Para o território dos Kranhacãrore.

Foi difícil guardar aquele nome, que o homem solitário pronunciou muito mal e nunca tínhamos ouvido.

Então apareceu à janela da choupana a figura da mulher. Seu rosto encarquilhado lembrava uma múmia. Ficou a nos olhar em silêncio.

Quisemos saber se os tais índios eram bravos. Ele franziu a testa e se encolheu.

— Sim.

Não queriam saber de estranhos ali. Isolados em sua região, repeliavam qualquer aproximação. Quanto a ele, que ali vivia por muitos anos, nunca lhe haviam feito mal. E o solitário ainda explicou:

— São homens muito fortes. Valem por dois e, por gestos, procurou indicar o enorme porte dos selvagens.

Como ele era franzino e pequeno, talvez tivesse razão.

Perova realmente já ouvira falar da existência de índios gigantes, mas não imaginava que eles podiam habitar aquela região.

Não quisemos permanecer ali por mais tempo e prosseguimos nossa viagem. Não antes de trocarmos um pouco de farinha com um bom cacho de pacova, a gostosa banana que por ali crescia.

No momento de sairmos, Perova ainda perguntou:

— Por acaso alguma canoa passou por aqui, nestes dias?

O morador confirmou:

— Sim, cinco homens desceram o rio e até pararam. Dei a eles uns cachos de pacova. Não me pagaram e nem deram nada em troca. Não faz mal. Deus vai me retribuir em dobro!

Perova olhou-me significativamente, depois acrescentou:

— Deve ser o barco que eu vi no dia da pescaria!

A Enseada dos Coqueiros

Dois dias decorreram sem novidades. À noite abicávamos^{38} para dormir e descansar. No terceiro dia, reencetamos^{39} a remagem, que não exigira, até então, muitos esforços. A canoa descia, ao impulso das águas, e precisávamos somente dar-lhe direção. Quando a mata se adensava, mantínhamos a embarcação a boa distância da margem, precaução para não sermos surpreendidos por flechas de índios bravos, escondidos entre as ramagens.

Cerca de meio-dia, já bastante sonolento com a calma e o calor, fui despertado por um chamado de Perova, a apontar para a margem direita.

De pé, olhar fixo, ele parecia uma onça a farejar sua presa. Encaminhou o “Pixuíra” para o lado, saltou e correu em direção ao barranco.

— É aqui, Tónico!

O lugar, em certa curva do rio, disfarçava uma enseada entre coqueiros e pequena praia de areia muito alva.

— Tem rastros frescos por aqui e sinal de canoa.

Marcas no capim e na terra úmida indicavam que uma piroga havia sido amarrada a um tronco e, depois, de novo reconduzida à água.

Perova avançou pelo terreno a ponto de perdê-lo de vista e, quando regressou, foi dizendo:

— Achei um trilho^{40} batido^{41} e com rastros frescos...

E aconselhou:

— Vamos seguir por ele.

Antes de nossa partida, meu amigo, sempre providente, conversara com um dos remadores sobre o ponto certo em que deveríamos deixar o Juruena para atingir a região dos índios, o qual também coincidia com a indicação do morador solitário.

Escondemos o “Pixuíra” e, carregando as provisões, seguimos através de terreno coberto de vegetação raquítica, a indicar a pobreza das terras. Ou talvez a região tenha sido vítima de fogo continuado, que acabara com o arvoredado mais denso.

Logo à frente encontramos, no trilho, algumas marcas de pé.

Perova, hábil rastreador, pressentiu habitação por perto, talvez de aldeia

abandonada, fato comum, quando os índios sentiam rarear, no local, frutos e caça.

O Curumim e o Velho

Tínhamos avançado cerca de meia légua quando percebemos uma cabana de pau-a-pique, coberta de folhas de palmeiras e, bem à frente, uma choça maior.

Perova me deteve.

O abrigo rústico não era certamente construção indígena, ao contrário da outra.

Agachados e protegidos pela vegetação, nos aproximamos desta e, pelo vão da porta, percebemos dentro fogo aceso.

A prudência aconselhava a examinar melhor o lugar.

Perova lembrou-se de emitir um piu, semelhante ao do mutum^{42}, usado entre alguns índios para se comunicarem. Assim anunciava nossa presença.

Depois de repetir por várias vezes aquele canto rouco que, a bem da verdade, não achei muito semelhante ao da ave, ouvimos resposta, porém o repique^{43} não vinha da choça.

Temerosos, nos atiramos ao chão e, em seguida, para nossa surpresa, vimos no galho de uma árvore próxima alguém que nos tinha inteiramente em sua mira.

O estranho saltou do galho e veio caminhando para o terreiro, com um arco à mão. Era um curumim^{44}.

Ao se aproximar, o indiozinho pôs-se a nos medir de alto a baixo, convencido de que estávamos indefesos em suas mãos.

Levantamo-nos e, embora incomodados, à vista da flecha que nos apontava, sentimos que não ia nos atacar.

Entramos na choça e vimos um homem deitado em cama rústica de paus e capim. Muito magro, com aspecto doentio, seu rosto quase desaparecia em meio de compridas barbas.

Surpreso, tentou se levantar da enxerga^{45}, mas, sem forças, apenas soltou um gemido de dor.

Ao fundo, uma pequena rede, que imaginamos ser a do pequenino índio. Ao centro um tripé^{46} e, atravessado por espeto de madeira, um lagarto já meio tostado na brasa, a qual esfumava o ambiente.

— Somos de paz! — disse Perova.

O velho tinha o olhar vazio e a respiração ofegante.

— A gente procura a tribo Apiacá...

— É... é... — resmungou, com dificuldade e, depois de bom tempo, tentou apontar com a mão para o nascente.

— Fica neste rumo.

Vimos um capuz a lhe cobrir a cabeça. E continuou:

— Tem um dia de viagem por terra.

— E a gente pode ir pelo Juruena?

Ele apoiou-se à parede e, erguendo-se, respondeu:

— Não. A tribo fica num afluente e, da foz até lá, a distância é curta, mas aquele rio tem muitas corredeiras. Nenhum barco consegue sair do Juruena e chegar aos Apiacá. Só indo, deste lugar, por terra.

Notamos que no pescoço do homem havia uma corrente e, presa a ela, uma cruz.

O indiozinho continuava no terreiro e, embora não nos ameaçasse mais com seu arco, mostrava-se preocupado com nossa presença.

Perova perguntou ao enfermo se precisava de algo. Ajudou-o a sentar-se, acomodando-o melhor.

— Sou o padre Lopes — balbuciu. — Estou voltando dos Araés, onde peguei maleita-brava... E vocês?

Perova me olhou de modo significativo. Era para não dizer ao desconhecido a razão de nossa presença ali. Coisa de seu feitio, embora o doente não representasse, a meu ver, nenhum perigo. Pelo contrário, via-se que seu estado de saúde era bastante precário.

— A gente pretende ir para Santarém, mas só depois de alcançar a tribo Apiacá.

O homem cofiou^{47} a barba. Tossiu. Talvez desconfiasse de nós.

— O senhor sabe da presença, entre os Apiacá, de um grupo de viajantes?

Pe. Lopes se encolheu ainda mais e vimos seus olhinhos, quase desaparecidos entre as rugas do rosto e a barba hirsuta^{48}, piscarem mais depressa.

— Ouvi falar. Eles estavam no rio Arinos...



— Nenhum barco consegue sair do Juruena e
e chegar aos Apiacá. Só indo, deste lugar, por terra.

Sobre o roubo da piroga

Nossa intenção era a de seguir viagem e nada mais dizer sobre nós, nem sobre o que pretendíamos. Mas a situação do homem, doente e aparentemente abandonado, nos preocupou.

O indiozinho se acocorara dentro da cabana e então parecia indiferente à nossa presença.

Perova fez-me um sinal e saímos para o terreiro.

O sol já declinara e seria imprudente partirmos pelo trilho, que mergulhava na mata, pois logo viria a noite.

— Veja bem esse curumim, Tonico, é parecido com os índios dos Araés. Tem tatuagens nas costas e anda meio agachado como à procura de caça pelo mato.

— É isso, também desconfiei.

Realmente lembrei-me do amigo Pixuíra, que deixáramos feito cacique dos Mutucas.

O indiozinho chamava-se Tatuê e não teria mais de 10 anos.

Pe. Lopes demonstrou alegria pela nossa decisão de não seguir viagem.

Estávamos sem compreender o motivo da presença dos dois no lugar e preocupados com o doente. Com fome, comemos banana e farinha de milho, de nosso emborna^{49}, e pedaços de lagarto do braseiro.

Pe. Lopes levantou-se com dificuldade, saiu ao terreiro para fazer necessidades físicas e voltou à beira do catre^{50}.

O cheiro da carne tostada e da fumaça empestavam o ar.

Lembrando-me das marcas de uma piroga, na enseada, resolvi perguntar ao padre se alguém mais estivera por ali.

Respondeu com raiva que alguns canoieiros tinham passado uma noite na cabana de pau-a-pique ali existente. Chegaram pelo escuro e partiram antes de o sol nascer e, ainda, lhes tinham causado um grande dano.

— ??

— Roubaram o nosso barco.

— Bandidos! — exclamou Perova.

— E meu companheiro de viagem — Braz Antônio — teve que partir aí

pelo trilho até a tribo Apiacá, para conseguir alguma ajuda pra mim. Agora não posso ir a pé e também não tenho barco.

Perova, intrigado, fazia conjecturas: seriam os tripulantes do barco vistos no dia de nossa pescaria frustrada? E tinham eles alguma coisa a ver com o desaparecimento do grande diamante? Seria o Maromba?

Outro fato também intrigava: os ladrões, nos contou o Pe. Lopes, quando partiram de madrugada, haviam abandonado em terra um dos companheiros. Este, desesperado, ainda corra pela margem do rio, tentando convencer os canoieiros a não deixá-lo, mas foi inútil. Depois, o infeliz seguira a pé, pelo trilho próximo à choça, e desaparecera na mata.

“Falar” com Deus!

A conversa se alongava noite adentro, pois o religioso, há tempo sem dialogar com pessoas que falavam a sua língua, sentia vontade de contar sua história e externar sentimentos.

Confiantes também em sua sinceridade, nós lhe dissemos as razões de nossa presença no sertão. Contamos que tínhamos partido de São Paulo, há quatro anos, à procura do tio Juvenal que, em companhia do Bugre-do-Chapéu-de-Anta, tentava encontrar as fabulosas minas dos Martírios.

Então, Pe. Lopes se ergueu do leito, como se tocado por um raio, e nos encarou de modo estranho.

— Você disse Martírios? — inquiriu, irritado.

Confirmamos, sem compreender sua reação.

— Aquelas minas malditas!

Pe. Lopes voltou a se deitar, dando-nos as costas e logo adormeceu. Resmungando, dizia coisas incompreensíveis.

Em dado momento, porém, distinguimos um nome: Muiraquitã.

Lembramo-nos, imediatamente, da figura do índio centenário, da aldeia dos Araés, que nós conhecêramos. E nos perguntamos: será que o religioso também se encontrara com o tio Juvenal e o Bugre-do-Chapéu-de-Anta?

No dia imediato, o padre apresentou melhora e, talvez reconhecido pelo gesto de ali permanecermos, voltou a falar sobre o assunto que espicaçava ^{51} nossa curiosidade. E esta aumentou ainda mais quando se referiu ao menino Antoninho, que, tendo ido aos sertões com seu pai, vira, após terrível tempestade, em meio aos clarões dos relâmpagos, a serra dos Martírios. Tempos depois ele traçara de memória o roteiro para chegar àquele lugar! Era então o bandeirante Antonio Pires de Campos.

Pe. Lopes, entretanto, usava frases curtas e às vezes descontínuas.

— Nas pedras, dizia-se, estavam gravados desenhos de coroas de espinhos, lanças, escadas, cravos, a relembrar os martírios de Cristo no Calvário! Eu queria estudar cada um dos sinais. Mas o mapa está desaparecido. Braz Antônio, se tivesse o roteiro nas mãos, teria nos levado até lá!

Sua voz se interrompia, depois voltava, quase apagada.

— Será que existe um castigo dos céus para não mais se achar as minas? Ao pé dos morros os bandeirantes aprisionaram uma nação inteira de índios e

conduziram todos como escravos!

— Tem que ser castigo mesmo! E castigo dos grandes!

— Quando parti para os sertões dos Araés não sonhava com riquezas, mas levar aos naturais a palavra de Deus. Entretanto, não fui ouvido pelos brancos que lá estavam, os quais, depois de tanto sofrimento, haviam perdido as esperanças, e nem pelos índios, para quem as orações não faziam sentido.

— Ao lhes falar que todos éramos irmãos e devíamos amar uns aos outros, perguntaram-me: por que o Maromba, infiltrado como guia no grupo de meu amigo Braz Antônio, ateava fogo nas choças, açoitara os índios, estuprara as cunhãs ^{52}?

Minha missão fracassou — concluiu Pe. Lopes — e meu amigo Braz Antônio foi quem mais sofreu.

Suas últimas palavras estavam entrecortadas de soluços.

— E quanto a Tatuê? — perguntamos.

O indiozinho fora encontrado na aldeia, doente e machucado. Seus pais haviam morrido e ele vivia à solta, disputando um prato de farinha ou peixe para sobreviver. Braz Antônio e Pe. Lopes o levaram para sua choça, curaram-no e o trouxeram em sua companhia.

Depois, com enorme esforço, o padre ajoelhou-se no chão e, tomando pequeno crucifixo nas mãos, nos perguntou:

— Vocês sabem rezar?

— Sim — respondi —, aprendi com minha mãezinha quando era bem pequeno!

— Então vamos “falar” com Deus.

E, em silêncio, mergulhou em oração.

Nós também, a nosso jeito, pedimos proteção ao Altíssimo.

Na manhã seguinte, resolvemos partir. À saída, Pe. Lopes nos repetiu que aguardava a volta de seu amigo e companheiro Braz Antônio, trazendo-lhe alguma ajuda e, com esforço, nos acompanhou até o terreiro, apoiado a um bordão, agradecendo por deixar-lhe parte das provisões.

Na clareira dos Q uilombolas

A trilha muito estreita fraldeava morros e abismos. Não podíamos andar muito depressa, fracos ainda, porém já sarados das sezões ^{53} apanhadas em Quilombo-Açu, as quais combatêramos com infusões de uma planta chamada quina.

Os viajantes da expedição também serviam-se dessas beberagens para aliviar os sofrimentos causados pela maleita, que provocava febres altas. Esfregando no rosto as folhas de uma planta de cheiro forte, recolhidas por Perova, conseguíamos afastar, por momentos, as ondas de mosquitos famintos que nos picavam continuamente.

Chegamos a uma bifurcação da trilha e paramos para decidir: a da esquerda, a mais batida, levava com certeza ao aldeamento indígena. Dali, podíamos divisar terrenos levemente ondulados e vegetação mais rala até uma capoeira.

A decisão, naquele ponto, de que lado seguir, foi difícil e Perova, agachado, examinava a terra e o capim. Estava em dúvida e até resmungou mal-humorado. Depois levantou-se e enveredou por uma das azinhas ^{54}, exatamente a menos batida e estreita, que mal percebíamos em meio aos arbustos. Esta nos levaria às terras altas.

Não quis perguntar ao companheiro o motivo da escolha. Em tantas ocasiões me dera quinau ^{55}, por isso o melhor era segui-lo. Foi o que fiz.

À medida que caminhávamos, cada vez mais nos afastávamos das terras planas e mais nos aproximávamos do riacho das Corredeiras, tributário do Juruena.

A picada, quase intransponível, contornava despenhadeiros. Em um dado momento, Perova estacou ^{56}. Encontrara, atravessada na trilha, uma cobra enorme, a aproveitar uma réstia de sol, filtrada através da ramagem. Por mim, cortava uma vara e batia no meio dela, para quebrar-lhe a espinha, modo tradicional de abater répteis. Mas Perova, sempre que possível, as afastava. Só uma vez, em ocasião semelhante, vi-o abater uma cobra — por se interpor em lugar estreito e não nos permitir passagem.

O bicho é ser vivente e tem lugar na natureza! — dizia.

Percebi que o réptil havia caçado uma ratazana e ia engolindo devagar a presa, pela garganta escancarada. Depois ela ia ficar “jiboiando” ^{57}, pensei.

Após aquele encontro, prosseguimos excitados, pois sempre tive horror a

cobras. Muitas vezes dormi em jiraus^[58] ou nas forquilhas das árvores, com medo, embora Perova me explicasse que serpentes venenosas raramente sobem em árvores.

Em certos pontos, a trilha se bifurcava de novo, mergulhando na mata densa. Perova escolheu a da direita, que, a meu ver, mais nos afastava do território dos Apiacá.

Pouco adiante, ouvimos latidos de cachorros e, em uma clareira, encontramos várias choças cobertas com folhas de palmeira.

— Não é aldeamento indígena. Veja pela construção das casas — comentou Perova.

Confirmei, dando-lhe razão, e logo apareceram no terreiro à frente das choupanas alguns moleques bem pretinhos.

Embaraçados, íamos voltar em silêncio pelo mesmo trilho e buscar a outra variante quando notamos que os garotos, em grande algazarra, atraíam para o lugar homens de porte alto, dorso nu, vestidos apenas com calções de algodão.

As casas eram revestidas de barro e, nas janelas, percebemos mulheres a nos espiar assustadas.

Cachorros vieram ao nosso encontro, em grande alarido, mas não se mostravam agressivos. Pelo contrário, queriam lamber nossas mãos.

Perova gritou, com voz firme:

— Somos de paz!

Sua voz se perdeu ao longe. Ouvíamos o canto de uma araponga, como se fosse o martelar de uma bigorna, e chilreios de outros pássaros.

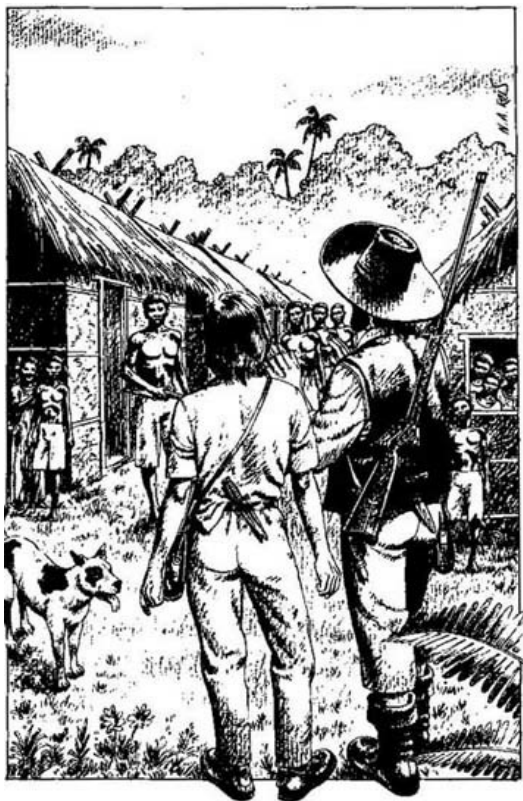
Então, a porta de uma choça de barro se abriu e, no desvão, vimos a figura de um preto, forte, pés descalços, carapinha volumosa, que avançou firme. Seus companheiros, que falavam ao mesmo tempo linguagem incompreensível, de pronto silenciaram.

Estávamos num acampamento de quilombolas^[59] e aquele que parecia ser o chefe nos perguntou:

— Garimpeiros?

Perova me olhou interrogativamente, pois na verdade nem sabíamos o que éramos.

— Somos de paz.



— Somos de paz!

O homem deu mais alguns passos, com arma na mão.

— Aqui não entra garimpeiro!

Não havia mais dúvida — tratava-se de reduto de escravos fugidos.

Ao lado das casas rústicas estendiam-se roças de mandioca, de milho, bananeiras e pés de abóbora, sinais de que viviam por ali havia um bom tempo.

No terreiro, todos estavam alvoroçados com a nossa presença, sinal de que, certamente, há muito não viam pessoas como nós.

— Em boa nos metemos! — disse. — Se a gente tivesse tomado o outro trilho, nada disto acontecia.

Perova me explicou o motivo: tomara aquele trilho quando percebera que os sinais no chão não podiam ser somente de índios.

O homem forte à nossa frente, e que nos interrogara, não se mostrava entretanto feliz com nossa presença.

— A gente procura a tribo Apiacá — disse eu, tentando amenizar.

O outro levantou o braço e apontou no rumo do nascente.

— Sigam nesta direção! — respondeu, de modo rude.

Retornamos sobre nossos passos, caminhando devagar, enquanto os moradores se recolhiam e logo fechavam as portas e janelas de suas casas.

— Você esperava por um cafezinho coado? — perguntei, referindo-me à recepção pouco cordial.

— Essa pobre gente vive muito assustada! Escravos fugitivos, quando capturados pelos donos, sofrem duros castigos e às vezes são mortos. E, quando apanhados por garimpeiros ou sertanistas, tornam-se escravos deles.

— Pelo menos quanto a nós, nada têm a temer, não é?

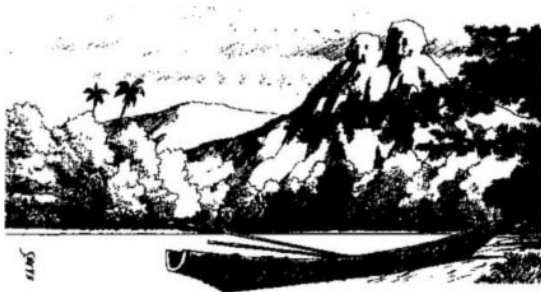
— Espero que continuem a viver em paz, escondidos.

— Tomara que não apareça por aí nenhum capitão-do-mato {60}.

— Não vamos abrir a boca sobre este quilombo, não é?

Segunda Parte

AS CORREDEIRAS PERIGOSAS



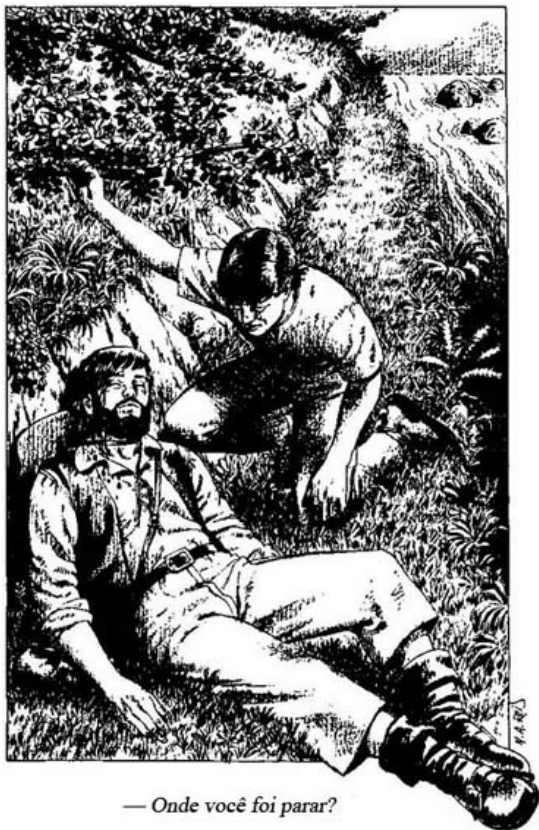
Acidente na ribanceira

Naquele dia, íamos enfrentar um acontecimento desagradável. Avançando pela picada, chegamos a um lajeado^{61} de pedras muito brancas, que precisava ser transposto. Na mata, Perova tinha agilidade de bugio, mas, nos barrancos e encostas rochosas, sentia dificuldades para se locomover. Era em razão de ferimento provocado por uma pedra, que rolou sobre as pernas dele quando o Bugre-do-Chapéu-de-Anta nos prendeu dentro de uma gruta. Desde então sofria dores em longas caminhadas, mas não se queixava, embora eu o visse às vezes mancar.

Aconteceu, então, que, ao transpor desajeitadamente um obstáculo na encosta íngreme, perdeu o equilíbrio e rolou pela encosta, soltando um grito.

Corri para ajudá-lo e verifiquei que estava no fundo de um valo, encoberto pela vegetação.

— Onde você foi parar? — gritei.



— Onde você foi parar?

Pela resposta, percebi que o acidente fora bastante sério e ele sofria dores.

— Você pode se mexer? — insisti.

— Assim, assim... mas vou tentar.

Realmente, ele não conseguia sair do buraco fundo por suas próprias forças, e eu devia encontrar um modo de puxá-lo.

— Espere um pouco, amigo.

Saí à procura de cipó, que cortei na ramagem. Fiz um feixe para dar resistência e, de cima do barranco, atirei-lhe, tendo antes prendido a ponta em um tronco de árvore.

— Agarre firme!

Perova não respondeu, mas senti que pegara o cipó.

— Força! — ordenou.

Porém, o barranco, muito íngreme, oferecia dificuldades. Procurei outro lugar, desamarrei o cabo e recomecei a operação, conseguindo afinal, depois de muito esforço, arrastar Perova da ribanceira.

Estava ofegante e sua perna sangrava. Justamente aquela com ferimento anterior, já cicatrizado.

Senti que íamos ter problemas para vencer os terrenos acidentados, pois, embora procurasse disfarçar, meu amigo quase se arrastava e sentia muitas dores.

Para contornar o lajeado de pedras, improvisei para ele uma muleta de pau e tomei nos ombros as suas coisas. Lembrei-me de que, em situação inversa, me colocara às costas e me carregara pela mata. Mas ali era impossível fazer o mesmo.

Felizmente o rio das Corredeiras, tributário do Juruena, não se encontrava muito longe e logo chegamos às suas margens.

Perova não reclamava, mas suas dores deviam ter sido muito fortes. Com os lábios cerrados, parecia revoltado com a má sorte, em ocasião tão difícil.

Minha esperança era de que, pelo rio, a gente encontrasse jeito de avançar em direção à aldeia indígena. Àquela altura comecei a maldizer a decisão de Perova por ter preferido deixar a primeira trilha, a mais curta para a aldeia, e internar-se na mata, seguindo a picada estreita que levava aos quilombolas. O desvio nos conduziu àquele acidente.

A corrente não era muito larga, mas encrespada em corredeiras. Para prosseguir, precisávamos de uma piroga.

Perova sentara-se à margem para descansar. Dali, após examinar a floresta ciliar^[62], exclamou:

— Veja, Tónico, um tucurizal!

Lembrei-me das árvores preferidas pelos índios para a feitura de barcos. O costume era descascar um tronco, de tamanho adequado, e amarrar a ponta em forma de bico para a quilha^[63]. A parte de trás, mais larga, servia de assento.

— Sim, por aí tem muita árvore, mas cadê ferramenta para derrubar e escavar o tronco?

Caminhei no rumo apontado por Perova e então percebi, com surpresa, no chão, folhagem murcha de uma árvore abatida havia pouco tempo. Alguém iniciara a feitura de uma piroga bem pequena, cortando a madeira mole a facão. Havia também rastros recentes ao seu redor.

Voltei ligeiro para junto do companheiro e lhe contei sobre a minha descoberta. Ele sorriu de modo enigmático.

Encabulado, queria arrancar-lhe qualquer explicação, que não deu.

Perguntou-me, então, se o tronco já cortado podia boiar.

— É bem pequeno, mas, com alguns varotes amarrados ao lado, talvez flutue e dê para nós dois.

— Trate de arrastá-lo até o rio!

— Não sei se consigo.

— Vamos lá!

Com força de vontade, apoiado em sua muleta, Perova foi até o lugar indicado, mais para me dar ânimo. E, com a ajuda de uma vara, servindo de alavanca, comecei a empurrar o tronco para a margem do rio.

Estava convencido: a pessoa que tentara fazer a piroga abandonara a tarefa pelo meio por nada conseguir com seu frágil instrumento cortante, ou, talvez, devido a algum imprevisto.

Minhas preocupações também cresciam ao ver o Perova encolhido, muito pensativo e impotente para enfrentar aquele obstáculo. E conjecturava:

Quem tentara fazer a piroga pretendia cruzar o rio e descer, pela margem oposta, até alcançar a aldeia indígena. Talvez algum estranho à região?

Examinando melhor o tronco de madeira, meu companheiro disse que a forma de cortar adotada não era a dos índios que, também, não utilizavam fogo para ajudar a escavar, como ali acontecia. Lembrou que, pouco abaixo, achamos sinais de uma fogueira, cujas chamas somente poderiam ter sido

conseguidas com o uso de binga^{64}, na forma tradicional, isto é, um pedaço de metal batido sobre uma pedra dura, a pederneira^{65}. As chispas, tiradas pelo fuzil, acendiam mecha de algodão em um chifre.

E nós sabíamos quem possuía um tal instrumento — o Bugre-do-Chapéu-de-Anta!

E, ainda, muito intrigava o encontro de rastros de sandálias de couro na terra úmida da margem, marcas ainda frescas. Só podiam ser as do nosso terrível inimigo. Mas como explicar que ele houvesse conseguido sair com vida da caverna onde se escondia, atingida pelo fogaréu da mata?

A maior desgraça, porém, estava para nos acontecer.

O céu parecia desabar

Amarrei, com cipós, dois varotes laterais ao tronco e, com o auxílio de uma leva ^{66}, como alavanca, consegui empurrá-lo para a água.

Começava a escurecer e tínhamos esperança de que, descendo pela corrente, encontraríamos um abicadouro e, por terra, alcançaríamos o aldeamento indígena, na margem oposta.

Foi difícil para meu amigo se arrastar e só com meu apoio conseguiu se colocar sobre o tronco instável, a balançar perigosamente, o qual, com forte impulso de braços e pernas, começou a deslizar.

Saindo da orla da mata para o meio da corrente, percebi, com medo, que o escuro não era o da noite a se aproximar, mas o de uma tempestade ameaçadora. É um fato comum em certas regiões quando, de repente, mesmo em dias claros e de céu limpo, o tempo mudava e fortes aguaceiros desabavam provocando grandes enxurradas.

As águas, batidas pelo vento, mais se encrespavam e corriam ligeiras, a indicar a existência de desnível dali para frente.

Perova, montado no tronco, manobrava o varejão e procurava nos dar estabilidade, mas estávamos à deriva.

A situação piorou quando a vara por ele empunhada não alcançou mais o fundo do rio e, assim, se tornou objeto inútil. Só com a ajuda de pequeno pedaço de pau, feito remo, tentamos avançar.

Perova me alertou, gritando:

— Aí para baixo tem cachoeira!

Então me assustei ainda mais, pois mal conseguíamos dominar o tronco roliço.

O sol desapareceu de vez e, após muitos relâmpagos, caiu um pesado aguaceiro.

— Fuja do redemoinho!

Entretanto, apesar de todo esforço, o tronco rodopiava.

Temí pelo pior, mas consegui chegar à margem. Quando a piroga tocou a terra e eu, já de pé, tentava arrastá-lo para lugar firme, uma onda se bateu sobre nós, com massa de arbustos e galhadas de árvores.

Meu esforço foi impotente e o tronco arrastado.

— Aguenta firme! Agarre com força! — gritava.

Não sei se essas palavras ainda foram ouvidas, pois não tive resposta. Com a roupa encharcada, tateando pelo escuro a cair e levantar, avancei pela margem na tentativa de localizar meu amigo.

Bátegas^{67} desabavam formando uma cortina d'água que toldava^{68} a visão e, como último recurso, agarrei-me a uma árvore, sem saber o que acontecera a meu amigo, mas confiando em sua velha experiência e habilidade para se salvar em situações difíceis.

À beira do abismo

Como a árvore a que me segurara tinha galhada baixa e uma forquilha, subi nela, lembrando-me de que, em nossas andanças pelo sertão e especialmente à noite, quando chovia e era impossível fazer fogueira, procurávamos abrigo em árvores para proteção contra cobras e outros inimigos.

Cheio de angústia, por várias vezes ainda gritei pelo nome de meu amigo!

Não ouvi resposta e, sem alternativa, depois de muita espera, amarrei-me com um cipó na forquilha da árvore com medo de cair e ali fiquei, desperto.

A chuva persistiu, ainda, por largo tempo e só amainou de madrugada, quando os primeiros clarões do dia vieram me encontrar encarapitado como um caçador, à espreita de sua presa, à orla da mata.

O dia surgiu límpido, com céu azul, sem sinal da tempestade que se abatera na boca da noite.

Precisava urgentemente correr pela margem, rio abaixo, até o aldeamento indígena.

Mal conseguia, entretanto, caminhar pelas margens, tomadas por barrancos altos, alagados ou pela mata. E minha inquietação crescia por não saber sobre o destino do companheiro.

Pensamentos maus começavam a me dominar, principalmente por ver tantas corredeiras no rio, cheio também de pedras pontiagudas.

Deixei a margem e galguei um morrete, de onde podia alongar a vista pelo descampado. Então localizei, a distância, o aldeamento Apiacá numa região plana e muito verde. Ali o terreno formava dois patamares, havendo entre estes um grande desnível. E concluí: as águas iriam despencar, formando um salto^{69}.

Pouco adiante, cheguei a um lugar onde havia ramos quebrados recentemente e cipós a gotejar seiva.

Formulei um pensamento positivo. Deus permitisse que fossem sinais de meu amigo. Mas, na areia, os rastros não pareciam os de seus pés. Então ouvi um barulho forte, como o de um trovão. Era a cachoeira!

Bem próximo, as águas despencavam para o abismo, formando cortina de vapor, iluminadas pelos raios de sol, a se filtrarem através da vegetação.

Um espetáculo grandioso, mas que não podia apreciar devido às sombrias preocupações.

Não andara, porém, mais que dez braças^{70} e encontrei, em pequeno barranco seco, um vulto caído. Reconheci Perova.

Atirei-me sobre ele, abraçando-o, feliz por reencontrá-lo, após tantas dúvidas. E, em desespero, pus-me a sacudi-lo e a chamá-lo.

Estava desacordado e com ferimentos. Sangue emplastava-lhe a fonte e as barbas, e tinha as roupas úmidas e rasgadas.

— Perova! Perova! Sou eu, o Tónico...

Ele não respondeu, nem abriu os olhos. Encostei a cabeça em seu peito e notei que seu coração batia.

Ao examinar os arredores e as marcas do chão molhado, tirei uma conclusão intrigante: ele não chegara ali por suas próprias forças, mas fora sem dúvida arrastado por alguém que o trouxera da corrente perigosa, salvando-o a tempo de despencar, poucas braças à frente, em profundo abismo.

Os sinais de pés na areia eram semelhantes aos que antes encontráramos junto à margem do rio.

Tentei, mais uma vez, reanimar Perova, que estava desacordado. E eu, sozinho, não podia tirá-lo do local.

Então, como ele estava em lugar seguro, resolvi ir pela margem à procura de socorro na aldeia indígena.

A caminhada foi difícil, entre galhos espinhentos e cipós trançados, sem perceber que minhas carnes ficavam arranhadas e até sangravam.

Felizmente, encontrei na parte baixa do terreno um trilho batido que se dirigia à cachoeira, talvez para os índios nela se banharem.

Os sinais do chão eram somente de pés descalços, e não encontrei entre eles as marcas de sandálias de couro.

Ao me aproximar da taba, surgiu-me à frente uma palhoça de pau-a-pique, coberta de folhas de palmeira. Dentro, mulheres e crianças conversavam e gritavam.

Tentei me comunicar, mas os moradores se mostravam indiferentes à minha presença e, por gestos, indicaram que o povo estava nas roças ou nos igarapés.

Então vi um homem branco, vestido, sob uma árvore, sentado em um cepo, a tirar baforadas de um cigarro.

— Bom dia! — arrisquei, aproximando-me.

Respondeu ao cumprimento e interessou-se em saber o que eu desejava.

Muito nervoso, expliquei-lhe que um amigo meu sofrera um acidente e precisava de ajuda.

Ele se levantou e, solícito, estendeu-me a mão.

Lembrei-me das palavras de Pe. Lopes e desconfiei de quem se tratava.

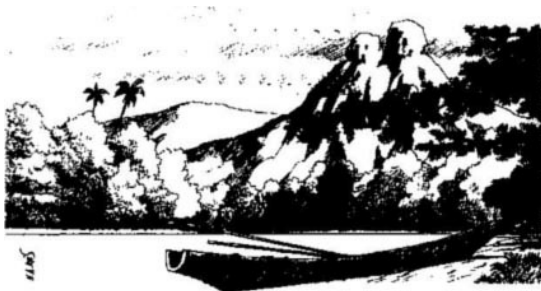
— Caiu na cachoeira? — quis saber, assustado.

Respondi que não. Mas estava ferido e não podia se locomover. Perguntei-lhe se me arranjava uma tapuirana [{71}](#) e dois homens fortes.

O estranho, de fato, chamava-se Braz Antônio. Magruço, tinha estatura meã, cabelos lisos e barbas ralas. Notei que seu braço esquerdo, apoiado ao tronco, não se movimentava.

Terceira Parte

NA ALDEIA INDÍGENA



O salvamento

Braz Antônio se encaminhou para a sua maloca e de lá voltou com uma rede de tecido. Porém, só mais tarde apareceram alguns índios vindos da pesca, os corpos vermelhos, pintados de urucu. Falou-lhes e dois deles se dispuseram a nos acompanhar. Fui à frente para indicar o caminho.

Durante o trajeto, tentei agradecer o gesto amigo, dirigindo a palavra ao desconhecido, mas ele não demonstrou vontade de manter prosa comigo. E, uma vez que se dispunha a ajudar-me, calado, não insisti.

Em certo ponto, como andasse à frente de todos, me distanciei enquanto eles tomavam trilha diferente. Então precisei voltar e me pus a segui-los, pois deviam saber o que faziam.

De fato, atravessaram o riacho de modo mais fácil, em trechos de menor volume de água, e atingiram a margem oposta.

Chegamos, finalmente, ao lugar onde se encontrava o ferido, ainda inanimado. Colocado na tapuirana presa a um varote comprido, cujas pontas se apoiavam ao ombro de dois índios, Perova foi conduzido à maneira de os naturais transportarem seus mortos.

Naquele momento, e no estado de ânimo em que se encontrava, tive maus pensamentos, mas tratei de afastar as ideias trágicas.

Um fato, entretanto, me chamou atenção ao sairmos: Braz Antônio não acompanhou o grupo e pôs-se a vasculhar as cercanias e o rio com enorme facção e, saltando pelas pedras, avançou até lugares que antes me pareceram inacessíveis. Preocupado, porém, com a volta à aldeia, perdi-o de vista.

A rede com o ferido foi presa pelos punhos^[72] em duas estacas dentro de uma choça, a mesma que abrigava Braz Antônio. Lá, Perova permaneceu em profundo sono.

Sozinho, tentei mais uma vez fazê-lo voltar a si. Foi inútil. Bem mais à tarde, ao dar-lhe água de uma porunga^[73], ouvi um resmungo e, sem abrir os olhos, com o braço estendido, exclamou:

— É ele! É ele!

Tais palavras me pareceram absurdas e sem significado.

A tardinha, Braz Antônio surgiu na choupana acompanhado de um índio idoso. Este, colocando-se à frente da rede, pôs-se a fazer muitos gestos e a soprar fumaça tirada de comprido cigarro sobre o rosto do doente. Todo o ambiente se

encheu do aroma de ervas queimadas.

Braz, ao lado, acompanhava atento as atitudes do pajé que, também, pronunciava palavras cabalísticas. Tirou ainda de um alforje^{74} ramos e folhas, que umedecia com a saliva e colocava sobre as feridas do doente. Talvez Braz Antônio tivesse intenção de levar o feiticeiro para proceder à mesma cerimônia de cura em Pe. Lopes.

A seguir, o curandeiro, usando beberagem de uma cuia, tentou colocá-la boca abaixo de Perova. Este repeliu-a, inconscientemente, estendendo o braço e afastando a vasilha com vigor. Foi impossível o tratamento.

Eu assistia a tudo, sem interferir na cerimônia, mas com esperança de que a tentativa amenizasse as dores de meu amigo.

Terminado o trabalho, o índio se retirou, sem nada dizer, na companhia de Braz Antônio que falava sua língua.

Fiquei bastante intrigado com a atitude daquele homem, quando se afastara de todos nós na proximidade da cachoeira e, ao regressar, não me dissera uma única palavra sobre o acontecido.

De minha parte, também adiei o momento de lhe contar sobre o encontro com o Pe. Lopes e Tatuê.

Iria passar aquela noite quase sem dormir, ao lado de Perova. Lá fora, o luar alumia o terreiro onde os índios se reuniam e discutiam, em altos brados ao redor da fogueira, certamente sobre o estranho acontecimento do dia.

De regresso, Braz Antônio acomodou-se em sua rede, adormeceu profundamente e roncava tão forte que a choupana parecia tremer. Eu, que estava faminto, pois desde manhã nada comera, uma vez que tinha perdido as provisões de farinha, encontrei por sorte no rancho algumas raízes de mangarito^{75}. Elas me valeram por uma refeição.

Depois, também caí no sono e não me dei conta de mais nada ao redor.

À espera dos viajantes

No dia imediato notei que Braz Antônio, aparentemente muito tranquilo, conversava no terreiro com os índios. Aproximei-me e fui lhe dizendo:

— O senhor se esqueceu do Pe. Lopes e de Tatuê?

Ele então me encarou muito surpreso.

— Quem é você?

— Seu amigo está muito mal! Precisa de tratamentos — continuei.

O meu modo de dizer foi arrogante e intempestivo, mas o outro reagiu de modo ponderado.

— Calma, meu jovem. Estou tentando com muita insistência, desde que cheguei, levar socorro para meu companheiro, mas não consigo ajuda da tribo. E preciso seguir por terra à foz do riacho e, depois, subir pelo Juruena até a enseada dos coqueiros. Preciso, porém, de alimentação, ervas medicinais, de um barco e remadores. Mas não recebo ajuda de ninguém. Esse povo não arreda pé daqui, desde há vários dias, porque a “Expedição dos Russos” já chegou à foz e se desloca para cá. Toda a tribo está em alvoroço.

Realmente, eu e Perova sabíamos sobre o grupo dos viajantes, entre os quais estava o seu chefe, barão de Langsdorff, e que viria pelo rio Arinos até os Apiacá. Por isso nós estávamos ali, com a missão de lhes falar.

Braz Antônio parecia muito desolado por não conseguir apoio para ir buscar o Pe. Lopes e Tatuê. Não conseguiu convencer os índios. Quis saber, também, se eu conhecia os estrangeiros.

Respondi-lhe que sim.

À tarde, saí para o terreiro, depois de ouvir vozes e gritarias.

Chegavam os viajantes, acompanhados de grande número de índios, os quais tinham ido até a foz e ajudavam no transporte de suas bagagens.

Finalmente — pensei — podia comunicar ao chefe sobre o que tinha acontecido ao grupo do Sr. Hércules.

Toda a tribo estava em grande alvoroço. As mulheres e crianças iam e vinham pelo terreiro, curiosas.

Volumes e mais volumes iam sendo carregados para algumas taperas ao fundo da choça maior.

Procurei identificar alguns dos recém-chegados. Lembrava-me

vagamente do Sr. Luís^{76}, com quem falara em Vila Bela. Quanto ao chefe, o barão, já fora levado em rede para uma barraca improvisada pelos companheiros. Estava muito doente, atacado pela malária.

Braz Antônio acompanhava toda a movimentação incomum e também queria lhes falar, apresentar-se, contar sobre trabalhos junto aos índios.

A caravana vinha preparada para uma razoável permanência na tribo, antes da partida para Santarém. Desejava, além de proceder a estudos dos indígenas, obter mantimentos para a longa viagem. Ali, conforme combinado, aguardaria a chegada do Sr. Hércules e seus companheiros.

De minha parte, fiquei mais tranquilo ao perceber que, de fato, o Sr. Luís fazia parte do grupo e comandava todas aquelas providências.

O Cacique com uniforme de Capitão-Mor e o Barão vestido de Cônsul

Naquele dia eu ia presenciar uma cena estranha, diferente, e da qual jamais haveria de me esquecer, bem como de seu significado profundo, que só mais tarde pude avaliar melhor.

Foi assim:

Com o sol ardente do meio-dia, toda a tribo Apiacá estava no terreiro à frente da maloca coletiva onde vivia. Homens e crianças, corpos pintados com listras vermelhas de urucu e pretas de jenipapo, exibiam-se com enfeites de penas de aves de várias cores: azuis, amarelas, encarnadas, roxas; dentes de animais e até figuras pequenas em cerâmica.

Um belo espetáculo, que com certeza Perova gostaria de ver. O coitado, porém, continuava recolhido, embora apresentasse melhora.

Todo o povo se agitava em frente, a pular, tentando demonstrar alegria com a chegada dos estrangeiros. Estes foram se aproximando, algo desconfiados.

Então surgiu o cacique, homem forte, alto, porém vestido de modo bastante estranho e muito diferente dos demais membros da tribo. Apresentava-se com uma farda militar, com dragonas^{77}, chapéu de bico à cabeça, calças de algodão grosso. E, em contraste, estava sem camisa e com os pés descalços!

Sua presença excêntrica provocou enorme curiosidade entre os viajantes, que se mantiveram atentos e sérios, embora a bizarra vestimenta pudesse provocar risos.

O cacique vestia o uniforme que, segundo me informou depois Braz Antônio, lhe fora dado em Cuiabá, quando visitara o presidente da província e a autoridade também lhe concedera a patente de capitão-mor.

Muito garboso no uniforme, sua figura, entretanto, destoava de forma flagrante dos companheiros, embora ele se julgasse à vontade e consciente de seu papel de chefe da tribo.

Os viajantes não esperavam por tal recepção festiva.

O barão, chefe supremo do grupo, avisado pelos companheiros, entendera o significado que o cacique queria emprestar à visita incomum e, mesmo doente, devido às febres, veio de seu abrigo, empertigado e vestindo um lúcido uniforme de cônsul-geral da Rússia, com tricórnio^{78} de plumas, espadim ao lado e condecorações.

Nunca mais me esqueci daquela cena e, só muito tempo depois, atinei para

o seu significado: em meio à selva, sob a ardência do sol, de um lado a raça indígena altiva, mas acolhedora, e, de outro, a dos civilizados. Cada uma tentara demonstrar sua autoridade e também seu respeito à outra, ao se confraternizarem.

Que momento aquele! Depois de muitos anos, sempre contava-o como fato inesquecível da viagem.

O grupo de índios continuava, porém, a pular e a dançar, indiferente. Para todos era mais uma festa, cheia de alegria.

Missão parcialmente cumprida

Eu continuava ansioso para dar o recado do Sr. Hércules e me aproximei do Sr. Luís. Então lhe expliquei as dificuldades em que se encontravam os seus companheiros, retidos pelos caprichos do Sr. Durão.

O viajante se encheu de preocupações ante aquele fato gravíssimo e se propôs a partir em socorro.

Precisava ir a pé até a foz do riacho das Corredeiras, tomar um barco e partir Juruena acima com os documentos de autorização do governo brasileiro para percorrer rios e regiões, as mais distantes, com objetivos científicos.

Todos os viajantes, ao saberem a respeito, sentiram-se revoltados com a atitude do “Capitão”.

Feliz por ter cumprido parte da missão, eu me sentia em dúvida se podia partir na companhia do Sr. Luís, em face das condições de saúde de Perova, de quem não gostaria de me afastar.

Entretanto, havia o problema do nosso barco, o “Pixuíra”, amarrado algumas léguas acima, à margem do Juruena, na enseada dos coqueiros, próximo ao local onde encontráramos o Pe. Lopes e Tatuê.

De forma alguma desejava abrir mão da piroga, que considerava como a minha casa sobre o rio. Também Perova, que tanto esforço empregara em construí-lo, jamais iria me perdoar se abandonasse a embarcação.

Um fato, entretanto, ia me ajudar.

Como a tarde avançava e o Sr. Luís ainda devia reunir mantimentos para a viagem, e só partir no dia seguinte, procurei Braz Antônio.

Este, já sabedor de tudo a meu respeito e de Perova, tornava-se mais amigo e comunicativo. Isso me levou a propor-lhe um plano, embora com receio de que não aceitasse. Eu aproveitaria a ida do Sr. Luís com canoieiros rio acima e levaria até a enseada dos coqueiros os recursos de alimentação, ervas e beberagens para Pe. Lopes. E até o pajé, se quisesse, poderia ir. Ele, Braz Antônio, ficaria a fazer companhia a Perova. O Sr. Luís, a partir daquele lugar, prosseguiria a viagem e eu regressaria com o religioso e o curumim no “Pixuíra”.

Braz Antônio ficou confuso e eu mesmo tinha muitas dúvidas, em razão da saúde de meu companheiro.

Felizmente, durante a noite percebi suas melhoras. Dei-lhe água para beber por duas vezes e até lhe ofereci um naco de peixe, que comeu com farinha. De

vez em quando me olhava meio assustado, como que não me reconhecendo. Depois se acalmava. E, como não gemia, deduzi que as dores haviam desaparecido.

Em dado momento, voltou a repetir.

— Foi ele! Foi ele!

E até julguei ouvir-lhe dizer a palavra Bugre!

No dia seguinte, tudo acertado, parti com o Sr. Luís e alguns remadores. Entretanto, como Braz Antônio não conseguiu convencer o velho pajé a se deslocar da tribo, este entregou-me um amarrado de ervas e uma porunga de beberagem de gosto horrível e ainda queria me ensinar sobre a fumigação. Quanto a esta, não me dispus a aprender e nem sabia se Pe. Lopes iria aceitá-la.

Caminhamos a pé pela margem do riacho das Corredeiras, por duas léguas, até a sua foz. Lá encontramos, estacionadas, as canoas do grupo do barão. Tomamos uma delas e, com quatro remadores, principiamos a subir o Juruena, de águas calmas e sob um sol esplêndido, mas abrasador.

De volta à Enseada

A canoa, impulsionada por aqueles remeiros, deslocava-se rapidamente e o Sr. Luís repetia palavras de revolta contra a atitude do Sr. Durão.

— É uma violência! Uma arbitrariedade!

Eu me limitava a concordar, com gestos de cabeça, e matutava sobre as intenções do “Capitão”. Alertado antes por Perova, também desconfiava de seus atos.

Quando chegamos, já ao escurecer, à enseada dos coqueiros por mim denominada Angra do Pe. Lopes, abicamos e eu logo tratei de ver se o “Pixuíra” ainda estava escondido na ramagem.

Foi um alívio encontrá-lo. Do barraco, saí em disparada na direção do velho aldeamento e, à porta da choupana, encontrei Tatuê.

— Alô, amigo! — disse — batendo em seu ombro e entrando na choça.

Pe. Lopes cuidava de uma caça no braseiro. O cheiro apetitoso da carne recendia.

Alegrei-me. O religioso, bem disposto, parecia outro e me cumprimentou com euforia.

— Ora vivas! Que dia feliz para nós. E onde está o Braz Antônio?

O Sr. Luís também chegava.

— É da “Expedição dos Russos” — disse-lhe.

Pe. Lopes cumprimentou-o, mas queria saber do seu amigo.

— Aconteceu alguma coisa ao Braz?

Apresei-me a acalmá-lo, contei-lhe rapidamente sobre nosso plano e acrescentei que, caso estivesse disposto, eu iria conduzi-los à tribo Apiacá.

— Já estou bem melhor! A carcaça aqui ainda não está para urubu! — disse em tom de arrelpiar.

— Como veem, amigos, há carne no braseiro e ainda mais por assar. Tatuê, certeiro na pontaria, abateu hoje uma paca bem grande.

— E nós trouxemos farinha e frutas.

— Então é todo mundo comer! E depois descansar.

Naquela noite, eu e o Sr. Luís nos acomodamos na própria cabana em que Pe. Lopes e o curumim se alojavam. Os remadores ficaram na habitação de pau-a-pique, meio em ruínas, ao fundo, a mesma em que provavelmente o

Maromba e seu bando tinham se escondido, antes de fugirem rio abaixo, após o roubo da canoa.

A noite foi tranquila e dormi a sono solto.

Na manhã seguinte, também o tempo se mostrava bom, o céu sem nuvens e o sol a brilhar. Ouvia o trinado alegre e via o voo baixo dos pássaros sem medo, nas árvores próximas. Espreguicei e respirei fundo.

Nisso, ouvi gritos vindos do lado do rio e, em seguida, Tatuê entrou correndo pelo terreiro.

— Que foi? Que aconteceu?

O curumim apontava para a enseada. Saímos correndo naquela direção. Somente Pe. Lopes não nos acompanhou.

Com grande surpresa, vimos chegar numerosas embarcações, todas minhas conhecidas.

Eu não queria acreditar, mas chegava a “Expedição dos Russos”. E minha alegria foi enorme ao reconhecer, à frente, o Sr. Hércules.

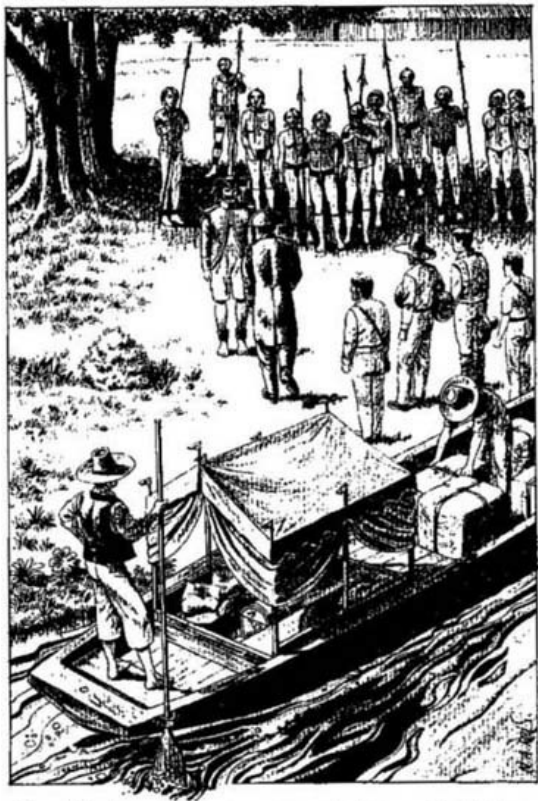
Com seu porte, chapéu largo, se destacava a dar ordens ao pessoal, enquanto as várias canoas, algumas de bom porte, iam abicando e eram amarradas por grossas cordas às árvores ribeirinhas.

O Sr. Luís se apressou a cumprimentar os companheiros, e o Sr. Hércules, ao me reconhecer, fez questão de me dar um aperto de mão e muitas batidas nas costas. Logo foi perguntando:

— Onde está o restante do nosso grupo? E o Perova? Creio que temos muitas coisas a explicar uns aos outros, não é?

Entre tantas indagações, queria logo saber como haviam se livrado do “Capitão” e sobre a presença do Sr. Manfredo, o qual também me cumprimentara.

Logo fiquei a par de tudo e o mesmo aconteceu com o Sr. Hércules.



Os viajantes não esperavam por tal recepção festiva.

As tramoias descobertas

Tratei de falar a sós com o Sr. Hércules que, muito aborrecido, me esclareceu sobre as trapaças do “Capitão”:

Saindo de Quilombo-Açu e afoitamente indo atrás do grupo de expedicionários, escondia intenções delituosas em relação ao grande diamante. E mudara de ideia: em vez de remeter a gema preciosa ao imperador, iria ficar com ela.

— O imperador D. Pedro I se encontrava tão longe, no Rio de Janeiro, e dificilmente iria saber que naqueles cafundós do mundo fora encontrada, talvez, a maior pedra do Brasil! — comentou o Sr. Manfredo, com uma ponta de malícia.

— E daí tramou com Maromba? — perguntei.

— É verdade. E alardeou para encobrir o embuste^{79} que a pedra tinha sido roubada.

— E quis culpar maldosamente os viajantes?

— Daí fingir a revista das cargas, a pretexto de encontrar contrabando.

Então o Sr. Manfredo me perguntou:

— Você se lembra da fuga de dois remadores, enquanto o Sr. Durão procedia ao exame das bagagens?

— Sim — respondi — recordava-me!

— Pois aquilo também fez parte da tramoia. Os dois remadores tinham se engajado em Quilombo-Açu, na “Expedição dos Russos”, a mando do “Capitão”.

— E que aconteceu com eles?

Quando fugiram, foram procurar o Maromba e seus homens, que desciam em um barco pelo Juruena. Eram pessoas de confiança do “Capitão”.

— Não entendo.

— Durão pretendia, assim, incriminar os membros da Expedição, ao dizer que os remadores haviam fugido levando embora o grande diamante.

— Um plano muito audacioso!

— É verdade. E a pedra preciosa já estava com o Maromba para ser negociada em Santarém, pois o “Capitão” não podia vendê-la em Cuiabá, onde, por ser conhecido, levantaria suspeitas.

— E como o senhor ficou sabendo de tudo isso? — perguntei.

— Os dois homens que deveriam acompanhar o Maromba, assistir à venda da pedra e trazer o dinheiro para o “Capitão”, deram com a língua nos dentes!

— Como assim?

— Existe um ditado — brincou o Sr. Manfredo — que diz que “quem rouba de ladrão tem cem anos de perdão”. Pois os dois remadores não conseguiram achar o barco do Maromba naquela noite. Se desencontraram. E retornaram para o acampamento.

— E o “Capitão”?

— Virou uma fera, vítima da própria armadilha. Revoltado, castigou os homens e partiu imediatamente, liberando assim os viajantes, que tiveram enorme trabalho para reembargar as cargas.

— E quanto ao senhor? — perguntamos ao Sr. Manfredo.

— Depois de saber dessa trapaça em ^{80}, não quis aceitar mais a companhia do Sr. Durão. Prefiro partir com os viajantes.

— E o diamante?

— Em Santarém ou Belém vou falar com as autoridades, pois a pedra pertence ao governo.

— O caso pode ainda se complicar se o “Capitão”, que voltou para Quilombo-Açu, resolver mandar gente atrás do Maromba.

— Se já não fez isso. Mas ele deve estar longe!

— Ainda temos muita água a correr para o Amazonas, como se diz — concluiu o Sr. Manfredo.

De novo os dois grupos juntos?

Os viajantes não queriam perder mais tempo e combinaram um plano com o Sr. Luís. Iriam descer pelo Juruena até a foz do riacho das Corredeiras e de lá, por terra, até a tribo Apiacá, de onde trariam seu chefe e os companheiros. Então, de novo, todos juntos navegariam em direção ao Amazonas.

Despedi-me do Sr. Hércules e do Sr. Luís, que muito lamentaram, devido às condições de Perova, não poder contar mais com nossos serviços de caça e pesca.

Recebi, ainda, do Sr. Manfredo um abraço muito efusivo.

— Quem sabe a gente ainda se encontra, o mundo é pequeno! — disse ele.

Quando os barcos partiram, fiquei na beira do rio a lhes acenar adeus.

Voltei para junto do Pe. Lopes e de Tatuê. Este mostrava-se indiferente ao movimento da enseada. E combinamos também nossa partida, pois o padre sentia-se disposto. Esta só ocorreu três dias depois.

Com o sol a pino, eu me senti orgulhoso de levar no “Pixuíra”, rio abaixo, os dois amigos.

Tatuê, com um remo, esforçara-se em fazer os mesmos movimentos que os meus, enquanto Pe. Lopes acomodara-se, sentado e protegido do sol por uma coberta de folhas de palmeira. Levávamos abastecimento para dois dias, tempo estimado para a viagem até a foz do rio das Corredeiras.

Tudo decorreu normalmente e, ao chegarmos ao lugar, encontramos à nossa espera Braz Antônio, com uma rede para o transporte de Pe. Lopes. Fora avisado antes pelos expedicionários que, descendo o Juruena, juntaram-se aos outros companheiros na tribo Apiacá.

Todos já haviam partido.

Minha primeira pergunta a Braz Antônio foi sobre Perova.

A resposta não me pareceu satisfatória.

Quando chegamos por terra, à aldeia, corri à procura de meu amigo.

Encontrei-o sentado em um cepo, ao centro da maloca. Parecia meio aéreo, embora esboçasse um sorriso, indicando me reconhecer. Tentei também lhe dizer alguma coisa sobre os expedicionários e o Sr. Manfredo, mas não demonstrou interesse. Em certo momento, inesperadamente, inquireu-me:

— E o “Pixuíra”?

— Viemos com ele! Está à sua espera!

Seus olhos brilharam.

Sobre o surrão de couro

No dia imediato, Braz Antônio chamou-me para fora da cabana e, pelos seus modos, percebi que desejava saber ou me confidenciar alguma coisa.

Fomos caminhando em direção ao riacho das Corredeiras. Realmente, após ter conversado longamente com Pe. Lopes, ele devia estar sabendo de tudo a meu respeito e de Perova.

E foi direto ao assunto que pretendia me comunicar:

— No dia em que fomos buscar o seu amigo ferido, eu fiquei uma boa distância para trás, lembra-se, Tonico?

Deveras, aquilo me causara estranheza.

— E qual o motivo?

— Me embarafustei ^{81} pelo mato, rente à cachoeira, por ter visto alguns ramos quebrados recentemente. Depois, saltando por entre as pedras, cheguei até o meio da corrente e ali vi um objeto estranho.

Atento, não perdia uma só palavra de Braz Antônio.

— Um pequeno surrão ^{82}, com presilha e alça que, por sorte, se prendeu em uma ponta de pau e, assim, não caiu na cachoeira. Essa sacola de couro pertence a você ou ao Perova?

— Não! — respondi prontamente.

— Foi o que imaginei. Com grande esforço, e depois de arrumar um varote comprido e uma forquilha, consegui apanhar o saco.

— E o que tinha dentro?

— Aí, amigo, fiquei muito espantado...

— Diga logo.

— Uma folha de papel amarelado com escritos e rabiscos, indicando rios, serras, pedras altas. Tudo difícil de se entender. Parece um mapa muito rústico, um roteiro...

Ao ouvir aquilo, eu me arrepiei.

— ...um desenho para se chegar às minas dos Martírios! — disse afinal.



— Parece um desenho para se chegar às minas dos Martírios!

Eu estava cada vez mais confuso e procurava me recordar de coisas já acontecidas comigo e Perova.

— Deve ser o mapa do bandeirante Antônio Pires de Campos que, em menino, foi com seu pai aos sertões e viu os Martírios!— disse ele.

Recordei-me de que, quando eu e Perova havíamos partido quatro anos antes para os sertões, à procura do tio Juvenal, estivemos ameaçados de morte pelo Bugre-do-Chapéu-de-Anta e seu bando. E, então, soubemos que eles haviam assassinado o preto Anastácio para se apoderarem de um roteiro para chegar às minas dos Martírios. Seria o mesmo?

Essa conjectura também me levava a confirmar as suspeitas anteriores. Nosso terrível inimigo escapara mesmo de morrer na caverna da montanha, era o homem abandonado pelo grupo do Maromba na enseada do Pe. Lopes e, por que não, o estranho que tentara construir uma piroga para atravessar as corredeiras!

Mas como explicar o acontecido com Perova?

Tudo isso passou pela minha cabeça, mas nada quis dizer a Braz Antônio antes de falar com Perova. Este, entretanto, não parecia em condições de me ouvir.

Correram vários dias e o Braz não voltou ao assunto, nem eu.

Pe. Lopes, bem melhor, andava pelo acampamento e conversava com os indígenas. Tinha facilidade de se comunicar, pois dominava a língua tupi.

Tatuê integrara-se rapidamente na tribo. Ia nadar, pescar no igarapé, caçar e brincava com meninos de sua idade, todos a chutar umas bolotas de borracha, feitas com seiva extraída de uma árvore chamada seringueira. Não parecia mais o curumim amuado e infeliz da cabana da enseada.

Em tremenda confusão, e com ideias preconcebidas, eu mal conseguia raciocinar corretamente, não aceitava certas evidências e assim só aumentavam as dúvidas.

Mas já havia uma certeza — o estranho visto por Pe. Lopes na enseada, e que caminhara em direção ao riacho das Corredeiras, não faria parte do bando do Maromba e só fora abandonado pelos bandidos que, a seguir, roubaram a canoa de Braz Antônio e Pe. Lopes!

Sim. Só podia ser ele, o Bugre. Não conseguindo improvisar uma piroga, caminhara pela margem esquerda do riacho, em direção à tribo indígena! Mas lá ele não chegara. E o surrão, encontrado próximo à crista da cachoeira, lhe pertencera?

Na tentativa de apanhá-lo, teria despencado do abismo?

E retirara das pedras, pouco antes do abismo, meu amigo Perova, muito ferido, e o colocara em lugar seguro?

Mistério nas pedras

Naqueles dias melhor me inteirei, graças a confidências da vida dos meus companheiros: Pe. Lopes, franciscano, procedia de um mosteiro do Pará. Sua ida aos sertões dos Araés havia sido por motivos religiosos e por ser estudioso de arqueologia. Contaram-lhe acerca de rochas enormes, com inscrições e desenhos, e ainda riachos a correr sob as cavernas. Certas figuras, encontradas na região dos Martírios, representavam seres e bichos desconhecidos e teriam sido gravadas nas rochas com objetos de metais não utilizados pelos índios, pois estes não os conheciam. Tratava-se de um mistério desafiador!

O religioso, infelizmente, não conseguira chegar àqueles lugares; as indicações que possuía eram imprecisas.

Pensei no destino do Pe. Lopes: tantos anos no sertão, onde perdera a saúde ao andar sem rumo à procura da “Montanha Dourada” e, depois, inesperadamente, o roteiro dos Martírios lhe caía às mãos!

Braz Antônio, cujas atitudes passei pouco a pouco a apreciar, contou-me que seu pai, de origem portuguesa, exercera cargos administrativos junto ao governo, em Santarém e Óbidos, e ele o iniciara em viagens sertanistas.

Em várias ocasiões, por iniciativa própria e sacrifício pessoal, Braz Antônio fora aos sertões para fazer contato com os naturais e, desprendidamente, levar-lhes apoio no combate às doenças adquiridas no contato com os aventureiros.

Infelizmente, da última vez contratara como guia o Maromba.

Braz Antônio e o Pe. Lopes retomavam, mais uma vez, desiludidos da selva, da qual trouxeram o indiozinho Tatuê. E o primeiro, em acidente, praticamente perdera um braço, que não tinha mais movimento.

O encontro do roteiro, de modo tão esquisito, provocava nos dois estranhas atitudes.

Vi-os, por horas seguidas, a ler e tresler o texto e a repetir os nomes dos acidentes geográficos: Morro de São Jerônimo; Rio da Casca; Araguaia; Paraupeba e, ainda, a direção aconselhada pelo bandeirante: “os ditos Martírios ficam, subindo rio acima, da parte esquerda, com aparências de galo, cruz, lança e mais coisas, e é dificultosa a navegação até a ponta da ilha dos Carajás, e na parte de riba rola um rio, à mão direita, que é o rio das Mortes...”.

Fariam, depois do achado, nova tentativa? Pe. Lopes certamente não. Perdera a saúde. E Braz Antônio não queria o apoio das autoridades de Cuiabá, para evitar a interferência do Sr. Durão, que não lhe inspirava confiança.

Os dois novos amigos disseram-me, então, que pretendiam ir para Santarém e gostariam de nossa companhia. Comecei a me animar, pois Perova melhorara bastante. Andava pelos arredores, comia e dormia bem. Mas, de repente, tinha atitudes estranhas, ouvi-o repetir:

— E ele! Foi quem me salvou!

Independentemente desse contratempo, confirmei com Braz Antônio que partiríamos com ele.

A festa do Curupira

Os índios Apiacá mostravam-se indiferentes à nossa presença na tribo. O cacique saiu com os companheiros para uma viagem de caçadas e ficou várias luas ausente.

Quando retornou, à noite, a tribo se reuniu no terreiro, à luz das fogueiras, para comemorar o resultado da excursão venatória^{83}, com a festa do Curupira.

Muito interessante aquela representação. Braz Antônio, Pe. Lopes e eu nos colocamos por ali para assisti-la.

As mulheres e crianças cantavam e tocavam instrumentos, feitos de bambu, dos quais tiravam sons agudos. De repente apareceu, à frente de todos, um índio mascarado, com jeito de mau, a carregar um grande machado de pedra. Pe. Lopes, que bem entendia a fala dos índios e conhecia-lhes os costumes, foi nos explicando em frases curtas.

O mascarado representava um caçador branco, que se internara na floresta dos índios com terríveis intenções.

O desalmado vira, no alto de uma grande árvore, um ninho de araras com alguns filhotes, já em ponto de voar. E, como era doido por penas coloridas e não conseguia pegar os pais, por serem ariscos e voarem alto, ia aprisionar os filhotes para criar.

Nesse momento, entrou no terreiro um índio quase desaparecido em meio a tufos de ramos e folhagens. Este apresentava-se como sendo a árvore frondosa.

O “caçador”, não conseguindo subir na árvore por ser grossa e lisa, pôs-se a vibrar golpes no seu tronco para derrubá-la.

A “árvore”, representada pelo segundo indígena, gemia e chorava:

— Tenha pena de mim, que nasci de sementinha, cresci e sou mais velha que qualquer um da tribo. Já vi o avô do pajé nascer e morrer. Eu dou frutos, dou sombra e protejo as nascentes ao meu redor.

— Pam! Pam! O “caçador”, indiferente, batia o machado cada vez com mais força. Queria pegar o ninho das araras, escondido no oco do pau.

— Pam! Pam!

— Ai! Ai! Ai! — gemia a “árvore”.

Nós estávamos ali atentos e sentíamos, como toda a tribo, uma grande tristeza, à espera do desfecho, que veio em seguida.

A “árvore” caiu estatelada, soltando gritos de dor, e o “caçador” logo se apoderou dos dois “filhotes”, representados por dois indiozinhos fantasiados de aves e que — piu! piu! piu! — piavam assustados.



A "árvore" caiu estatelada, soltando gritos de dor, e o "caçador" logo se apoderou dos dois "filhotes".

Daí aconteceu uma cena que jamais me esqueci:

Surgiu no terreiro um índio baixinho, com folhas verdes grudadas pelo corpo e na cabeça. Tinha, amarrados nos pés, dois pedaços de pau para dar a impressão de que seus membros se voltavam para trás.

Ouve-se gritaria dos assistentes:

— O Curupira! O Curupira! O Curupira!

— Viva o Curupira!

O “caçador”, enganado, saiu da floresta, tomou o trilho e seguiu os rastros do Curupira. Mas estes, em vez de irem para fora da mata, pelo contrário, levavam a um despenhadeiro cheio de plantas espinhentas e pontudas como flechas.

E então o “caçador” caiu e rolou pelo abismo, soltando gritos. O Curupira, rapidamente, se apoderou dos “filhotes” da arara e os levou para lugar seguro.

— Mas o que significa a figura do Curupira? — perguntei a Pe. Lopes.

— É um duende^[84]. Você ouviu falar no Saci?

— Sim. Aquele que tem uma perna só — respondi.

— Pois o Curupira é bem semelhante ao Saci e tem dois pés, porém voltados para trás. Por isso consegue enganar o caçador e o machadeiro. O Curupira é, assim, uma figura criada pela imaginação dos índios para defender a “sua” floresta.

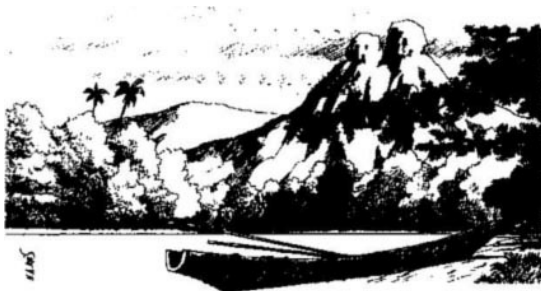
— Que bonito isso! — exclamei.

— Sim, confirmou Braz Antônio. A floresta é a casa maior dos índios; nela eles encontram o que precisam para sobreviver!

Perova, que a tudo assistia, também se emocionou e, pela primeira vez, veio participar, xingando o “caçador”, dando murros no ar e vivas ao Curupira.

Quarta Parte

RUMO AO AMAZONAS



Adeus ao indiozinho

No dia seguinte, partimos levando boa quantidade de farinha, muitas frutas, carnes de porco e de tartaruga.

O cacique e alguns jovens da tribo ajudaram a conduzir nossas coisas até a foz do riacho das Corredeiras, onde o “Pixuíra” estava amarrado a um tronco do barranco.

Quando saímos da aldeia e nos pusemos a caminhar, notei que Tatuê não ia com a gente. No terreiro, vi-o correr com os outros curumins em alegre algazarra.

Ia perguntar a Pe. Lopes a respeito, mas percebi que lágrimas caíam pelas suas barbas e nem quis dar uma última olhada para o curumim, salvo por ele de morrer à míngua no sertão dos Araés. Tatuê se integrara de tal maneira entre seus irmãos índios Apiacá que o religioso resolvera não levá-lo para a civilização.

Ergui o braço e disse-lhe adeus, mas o pequeno, empolgado com os companheiros, nem se deu conta. Continuamos a caminhada.

Acomodados na piroga, os quatro, nos despedimos de alguns amigos Apiacá, que nos haviam acompanhado, e a eles Pe. Lopes fez muitas recomendações sobre Tatuê.

Perova agarrou um dos remos e fez questão de mostrar sua boa disposição.

A jornada devia ser longa e penosa sob a soalheira abrasadora ou sob aguaceiros. Mas todos íamos alegres e esperançosos.

Percebi, então, que entre os volumes empilhados no fundo do barco, trazidos por Braz Antônio, estava o surrão de couro.

Pe. Lopes, de pé na popa, ergueu o braço direito e abençoou, traçando no ar uma cruz. Pedia ao Altíssimo que nos conduzisse sãos e salvos ao nosso destino.

Depois de vencermos largo estirão^[85], no Juruena, entramos pelo grande Tapajós e, em muitos e muitos dias, só água e céu foram nossos companheiros.

Junto a nós passavam muitos botos, peixes, bastante mansos e curiosos, que acompanhavam por largo período o barquinho solitário.

Batido às vezes pelos ventos alísios^[86], o “Pixuíra” se elevava nas ondas altas e perigosas, mas conseguia safar-se e avançar, cortando com valentia a corrente. Em outros momentos nos sentimos ameaçados de emborcar e precisamos tirar, com uma cuia, a água que se acumulava dentro. Naquele

instante vi Pe. Lopes agarrar-se a seu crucifixo e orar.

O maior império do mundo

Durante a viagem às margens, algumas povoações: Aveiro, Santa Cruz e Alter do Chão. E, a distância, Pinhais, Boim e Vila Franca.

Braz Antônio e Pe. Lopes iam mencionando aqueles nomes e comentavam entre si:

— Muito curioso que, neste verdadeiro continente, ainda inexplorado, existam tantas povoações a repetir os mesmos nomes de vilas e cidades portuguesas!

— É verdade — confirmou Pe. Lopes —, a começar de Santarém, onde estamos chegando. E tantos outros: Óbidos, Almeirim, Faro. E você bem sabe qual a razão desses nomes lusitanos, não é?

Braz Antônio confirmou com a cabeça e acrescentou:

— Meu pai, que era português, veio para cá atraído pelo fabuloso projeto do Marquês de Pombal^[87], talvez um dos mais fascinantes que um ser humano jamais pudesse conhecer!

O religioso demonstrava saber tudo a respeito, mas Braz Antônio sentia-se feliz em explicar:

— Pombal, Ministro de Portugal, tinha como certo que o Brasil, imenso território e colônia portuguesa, iria mais tarde, como acontecera com os Estados Unidos, se separar da metrópole e, então, pensou em ceder à Espanha o pequenino Portugal europeu, em troca das terras castelhanas da América do Sul!

— Era um sonho mirabolante! — comentou Pe. Lopes. Mas o poderoso Ministro Pombal, antes de trazer, em massa, a população portuguesa para o Brasil, deu às povoações brasileiras os nomes de vilas e cidades portuguesas, na esperança de que seus compatriotas sentiriam menos a mudança e melhor aceitariam a troca do chão da Europa pelo chão português do Brasil. A Capital seria Grão-Pará, à margem do grandioso Amazonas, este, uma verdadeira estrada natural, com mil léguas até os longínquos Andes, pelo maior rio^[88] da Terra!

— Um miraculoso sonho, mesmo! — comentou o padre.

— Que jamais seria realizado! — confirmou Braz Antônio. Uma epopeia para se executar não em anos, mas em séculos.

— E seu pai — perguntou Pe. Lopes —, acreditava nesse projeto, que fazia lembrar o Êxodo, isto é, a saída dos hebreus do Egito?

Não sei se Braz Antônio compreendeu a citação, que só mais tarde eu vim a saber ser episódio bíblico.

— Sim, muitos milhares de portugueses e brasileiros, como ele, sonharam com o maior império do mundo! Mas a vinda em massa dos portugueses para a Amazônia não se realizou. E aí ficaram, nos nomes das cidades, as lembranças daquela realização impossível.

Reencontro de amigos

A madrugada começava a raiar.

De pé na proa, eu sentia borrifos da água no rosto a me refrescar enquanto, através do nevoeiro, queria devassar a amplidão e ver, pela primeira vez — aquilo que sempre me fascinara —, a corrente imensa, com mais de dez léguas de largura, do maior rio do mundo.

Perova, que no início se mostrara falante, nos últimos dias voltara a ficar taciturno, embora com excelente disposição física. Remara todo tempo, como se fosse se despedir do “Pixuíra”.

Avançamos para a margem oriental do Tapajós onde, na confluência dos dois rios, surgiu o povoado de Santarém.

Passamos, ainda, pelas ruínas de um antigo forte holandês e atingimos o porto, onde uma boa surpresa nos esperava: os barcos da “Expedição dos Russos”. E todos carregados.

Braz Antônio havia convidado a mim e a Perova para ficarmos em casa de seus familiares, e para lá nos dirigimos. Fomos bem recebidos e tivemos boas acomodações.

Pe. Lopes também nos fez companhia.

À tarde, tornei ao porto na tentativa de saber notícias do Sr. Hércules e do Sr. Manfredo. Vi, então, que um navio bem grande se aproximava do ancoradouro e dos barcos da “Expedição”, e localizei por ali o Sr. Hércules.

— Ora vivas! Que alegria!

Eu também me senti muito satisfeito e cumprimentamo-nos com entusiasmo.

Perguntou-me imediatamente por Perova, e eu pelo Sr. Manfredo.

O Sr. Hércules deu-me respostas rápidas, afobado com a chegada da embarcação, e acrescentou:

— Vamos seguir para Belém. Este navio é de carga e passageiros. Por que você não volta com a gente? — disse-me, dando um tapinha no ombro. — Começamos há quatro anos uma viagem rio Tietê abaixo, e agora, juntos, podemos ir pelo Amazonas e depois pelo mar... Você regressa à sua terra!

Senti, naquele instante, funda emoção ao verificar a sincera amizade do Sr. Hércules, mas francamente não sabia como decidir. Tratava-se de grande responsabilidade, pois estava em jogo o meu futuro e o de Perova. E quanta falta

me fazia a opinião do companheiro que, com sua experiência e perspicácia, me aconselhava nas ocasiões mais difíceis e sempre com muita sabedoria. E, pela primeira vez, eu devia falar por nós dois.

O Sr. Hércules alisou a barba e olhou-me de modo paternal.

— Compreendo, a situação se inverte — o “papai” é você!

— Mas ele já melhorou muito! Sinto que está quase como antigamente.

— É homem rijo e de temperamento firme, como poucos. Agora se apresse, dentro de três dias partimos.

Saí preocupado em me encontrar com o Sr. Manfredo, também alojado em uma pequena pensão onde estavam os viajantes. Precisava saber sobre o diamante.

— Surgiu um complicador — disse-me ele.

— Que aconteceu?

A pedra em pedaços?

A gema, como sabíamos, estava na posse de Maromba, que já chegara ao povoado.

O Sr. Manfredo mostrava-se muito irritado, pois levava ao conhecimento das autoridades locais o caso da tramoia e do roubo de um diamante pertencente ao governo. Mas as autoridades mostraram-se indecisas, achando tal fato nebuloso e pertinente à jurisdição de Quilombo-Açu. Não tomariam providências.

— Mas o diamante, talvez o maior já encontrado no país, destina-se ao imperador, portanto o delito é de ordem nacional e não regional! — contestara o Sr. Manfredo e acrescentara:

— O ladrão está na cidade, precisamos pegá-lo!

As autoridades demonstraram indiferença e ainda reclamaram que faltava, em Santarém, o chamado Posto de Registro, departamento do governo destinado ao controle de pedras e minerais e, ainda, ao combate do contrabando e à vigilância sobre escravos foragidos.

— Faltava! Faltava! Faltava! — repetiam eles.

E, para reforço de suas lamúrias, acrescentavam outra mazela: sabiam da existência, à margem do Juruena, de um quilombo, a crescer constantemente com a chegada de negros escravos.

— Precisamos formar um bando de “capitães-do-mato” para dar caça e prender os fujões, arrasar o lugar, passar fogo neles!

Ao ouvir tais referências aos quilombolas, arrepiei-me e, à noite, contei o caso a Perova. Recordamo-nos de nossa passagem pelo reduto dos escravos, aparentemente vivendo felizes em sua aldeia da floresta. Repetimos nossa combinação: pelas nossas bocas, jamais iriam saber onde ficava o quilombo.

Ciente, porém, de que as autoridades locais não se mexeriam para a captura de Maromba, que também podia ser acusado por Braz Antônio e Pe. Lopes de atitudes criminosas nos Araés, o Sr. Manfredo, embora desanimado, propôs-se a investigar a seu modo. E solicitou, por meu intermédio, a ajuda de Perova, que conhecera o bandido em Quilombo-Açu.

Meu companheiro começou a se entusiasmar, e assim deu-me a impressão de voltar aos seus melhores dias. Pouco depois dirigiu-se à área movimentada do porto, onde trabalhadores carregavam muitas arrobos, de diferentes produtos da região, para barcos ancorados: cacau, salsaparrilha, cravo, óleo de copaíba,

guaraná, urucu, castanha, tabaco, algodão, piaçava em ramas, farinha de mandioca, pirarucu seco, conchas de tartarugas, borracha e tantas outras coisas.

Confundindo-se com os portuários, tentava identificar membros do grupo do Maromba ou o próprio bandido. Estava convencido, como depois me disse, de que o ladrão não iria logo negociar o diamante. Antes procuraria se livrar de companheiros, sabedores de sua trama com o Sr. Durão. Só depois iria para Belém, cidade maior, com amplo movimento comercial, e lá talvez até mandasse partir a gema em pedaços menores, para facilitar-lhe a venda. E isso seria realmente lamentável!

A tarde contei a Perova sobre o convite para seguirmos viagem na companhia da expedição. Ele ficou pensativo e depois repetiu algumas de suas frases prediletas:

— O homem põe e Deus dispõe! Não se pode remar sempre contra a corrente! E, se o vento bom sopra pra novo rumo, é erguer as velas e ir com ele!

E soltou a exclamação usual nos momentos felizes:

— Uiiiiiiiê!

Não havia mais dúvida, ali estava o velho Perova, mas completamente novo, pronto pra briga!

O escrito e as aquarelas iriam “contar” a viagem!

Precisava aproximar Braz Antônio e o Pe. Lopes do Sr. Hércules.

O religioso pretendia recolher-se a um convento dos capuchinhos em Belém e, depois de restabelecido, continuar suas pesquisas arqueológicas. Talvez fosse para o Piauí ver as ruínas das Sete Cidades^[89], tema que muito o fascinava.

Braz Antônio continuava empolgado com o roteiro. E era sua intenção entregá-lo às autoridades em Belém, que ficariam de “boca aberta”, como disse.

Realmente, não só de lá, mas de outras capitais brasileiras, partiam entradas^[90] para o sertão com o apoio oficial, e um dos lugares mais procurados era os Martírios. E ali estavam. O mapa e o roteiro que podiam conduzir àquele lugar.

Levei os dois para falar o com Sr. Hércules e eles ficaram longo tempo num bate-papo muito animado. Homem viajado, o estrangeiro contou-lhes suas fascinantes aventuras por muitos países da Europa, sua chegada ao Brasil e a maneira curiosa pela qual se incorporara à expedição. É que o desenhista contratado para ir aos sertões, chamado Rugendas^[91], por motivos diversos desistira, e ele, embora muito jovem e inexperiente, lhe tomara o lugar.

Então eu interfeiri, arreliando:

— O Sr. Hércules agora é noivo de uma brasileirinha, por sinal muito bonita!

Os dois outros se admiraram.

— É, pretendo, no meu regresso, me casar e vou ficar no Brasil. Esta terra me físgou para sempre!

Depois o Sr. Hércules ainda se referiu ao seu escrito sobre a expedição, do qual eu já tinha conhecimento. Era uma espécie de memória, em língua francesa, em que registrava as peripécias do dia-a-dia. E também nos mostrou muitos desenhos e aquarelas, executados não só por ele, mas por outros membros do grupo, representando plantas, animais, cenas da vida indígena e passagens dos rios e florestas.

Pe. Lopes examinou um a um os desenhos, com grande admiração, achando-os muito bem-feitos. Prestavam-se, disse, para o estudo da etnografia^[92] brasileira e irão levar, para muito longe, imagens rústicas deste imenso país, cenas da natureza e da vida animal, inimagináveis para os

estrangeiros.

Também o Sr. Hércules se referiu, mais uma vez, à morte do jovem Adriano, no Guaporé, e exibiu alguns dos seus desenhos coloridos, os quais muito admiramos.

— E tudo isso vai mesmo para a Rússia?

— Sim, o governo desse país financiou a expedição, e o nosso chefe, o barão de Langsdorff, remete toda a carga para lá logo que chegue ao Rio de Janeiro.

— Então, boa sorte! — desejaram os dois.

Mas — lembrei-me — Pe. Lopes pretendia dirigir-se a Belém.

— Será que ele pode ir com a gente? — perguntei.

— E um grande prazer! — concordou o Sr. Hércules. — Partimos amanhã.

Armadilha para pegar o ladrão

E, em ponto próximo do porto, encontrei Perova a observar, disfarçadamente, os carregadores a conduzirem as últimas cargas para o navio contratado pelos viajantes. Logo me disse que desconfiava de um deles, a distância, pois em dado momento este deixara a escada de acesso normal, percorrida por todos os companheiros, e seguira por um corredor à esquerda até desaparecer a bombordo.

Deslocando-se para lá com a ajuda do Sr. Hércules, conseguira identificar o carregador, sem que ele os percebesse. Para meu companheiro, então, não havia dúvida: tratava-se do Maromba.

O homem carregava no ombro um picuí^{93} de tecido, a pretexto de mala de roupas e, depois de andar disfarçadamente por entre enormes pilhas de mercadorias colocadas a bordo, regressara, nada mais trazendo consigo.

Ao contar o fato ao Sr. Manfredo, este fez menção de ir enfrentá-lo. Mas Perova o dissuadiu: tratava-se de tipo perigoso, troncudo, que por certo revidaria com arma branca e poderia feri-lo ou matá-lo. E, uma vez que escondera o picuí, certamente com o diamante, pretendia seguir a bordo como trabalhador braçal.

— Nesse caso — disse o Sr. Manfredo —, preciso ir também. E, durante a viagem, atacamos a “fera”.

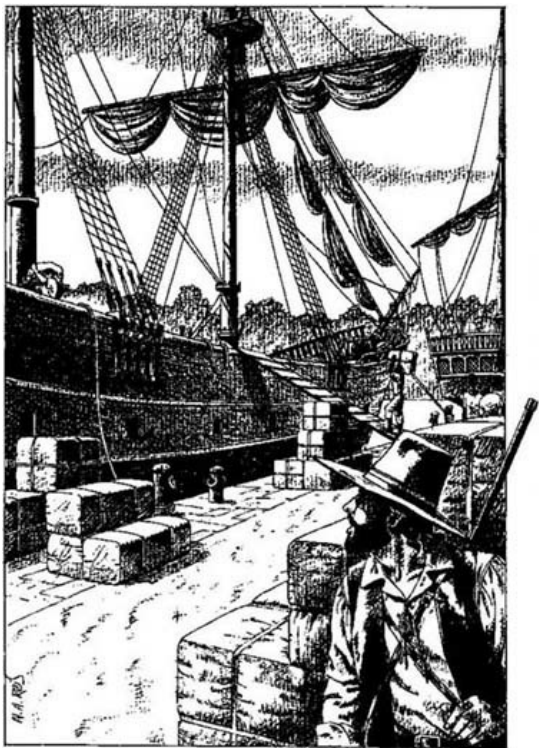
O Sr. Hércules achou acertada a decisão e lembrou:

— Amanhã, ao clarear, partimos.

No dia seguinte o Sr. Manfredo, eu e Perova tomamos o nosso lugar no navio misto, de carga e passageiros, abarrotado com os numerosos volumes da expedição. Em Quilombo-Açu haviam exigido quase uma centena de muars para carregar tudo.

Era grande a azáfama^{94} a bordo e no porto, com estivadores e tripulação subindo e descendo no apronto das velas para a largada.

Perova, de lugar estratégico, localizou o Maromba a bordo, disfarçado em tripulante.



Ao observar atentamente o carregador, Perova não teve
dúvida: era o Maromba.

O navio apitou de modo prolongado. Um som triste, que dizia adeus a Santarém, pelo menos para mim, que não voltaria àquela cidade muito simpática.

No tombadilho, junto ao mastro da mezena, o Sr. Luís e o Sr. Hércules pareciam satisfeitos. Dali para frente as dificuldades dos expedicionários deviam diminuir e eles já sentiam cumprida a dura missão no interior do Brasil. Restava a viagem por mar.

O Sr. Manfredo estava ansioso para descobrir um modo de achar — no meio de tantos pacotes, amarrados, volumes e caixotes — o picuá, ali escondido pelo Maromba, certamente contendo a pedra preciosa.

— Deixe isso comigo. Tenho uma ideia! — disse Perova.

Fiquei muito curioso, porém meu amigo não quis me contar sobre seu plano. E também a mais ninguém! Desconfiado e matreiro, temia, talvez, que a artimanha não desse certo.

O navio singrava as águas do Amazonas e já não víamos mais as margens. Era mesmo um verdadeiro mar de água doce!

Passaram-se vários dias e, apesar do interesse de todos pelo assunto do diamante, Perova mantinha-se calado.

Quando insistia, respondia-me:

— Fique tranquilo! Estou na pista...

A bordo, comíamos peixe, carne de tartaruga e refrescávamo-nos com o suco de açaí^[95].

Sobre o nosso futuro e um invento prodigioso

Encontrei, certa manhã, o Sr. Hércules sentado junto a uma pequena mesa, a escrever muito atento.

Como já sabia, aquele bom amigo procurava registrar, quase dia a dia, os principais acontecimentos da viagem, alguns trágicos, outros heroicos, todos com certeza muito estranhos para quem vinha de terras distantes, com costumes e situações tão diferentes das nossas...

Muito mais tarde, quando refleti sobre a façanha daqueles expedicionários, melhor avaliei os esforços e admirei sua coragem e até desprendimento, ao percorrer o interior despovoado e rude, com objetivo de conhecer nossas realidades.

O chefe da expedição, o barão de Langsdorff, atacado por doenças tropicais, por pouco não ficara enterrado nas terras dos índios Apicá. Certamente dentro de uma iguaba^[96], com seu uniforme de cônsul, chapéu de bicos e plumas e, quem sabe, até com seu espadim e condecorações. Pois os guerreiros indígenas, quando enterrados, não levavam junto suas bordunas, arcos e flechas?

Os valentes viajantes, creio, apesar de tudo, tinham cumprido a missão determinada pelo seu país.

O Sr. Hércules, ao perceber minha presença, pegou uma cadeira e me pediu para que sentasse a seu lado. Parecia bem disposto. Os últimos dias de descanso lhe tinham feito muito bem. E, batendo em meu ombro, como fazia de costume, disse-me:

— Então, Tonico, estamos finalmente de volta!

— É verdade. É verdade, que bom pra todos, não é?

— Quanto a mim, você sabe, pretendo ficar neste país, que me encantou!

Depois pareceu refletir, pensando em mim, em meu futuro, como jovem.

— E você, Tonico? — perguntou.

Fiquei indeciso. Realmente ainda não havia pensado em tal assunto.

— É... vou retornar para São Paulo. Eu e Perova temos que recomeçar. Talvez a gente volte a fazer aquelas viagens com tropas de burros, carregando mercadorias de Cubatão pro alto da serra...

Continuou a me olhar, como se eu fosse um filho que precisasse de conselho.

— E... quem sabe a gente se encontra por lá. Pretendo ir viver na cidade de Campinas — disse o Sr. Hércules.

Naquele momento, o navio se aproximava de um ponto em que podíamos ver as margens do grande Amazonas, com a exuberante floresta ciliar.

Ele alongava o olhar pela paisagem, muito embevecido.

— Que maravilha esta natureza. São cenas inesquecíveis. Pena que não se possa guardar, para sempre, a beleza e grandiosidade disto tudo. Os pássaros coloridos, o céu, os animais da areia, esta vida primitiva, como Deus criou.

Eu sabia que o Sr. Hércules havia feito muitos desenhos, representando cenas da vida indígena e da natureza. E ouvi-o a murmurar, para si mesmo:

— Falta alguma coisa! Só com o desenho e as tintas, não consigo guardar a paisagem exatamente do jeito que ela é. A pintura sempre deforma. Tem que haver um jeito de se fixar cada momento deste em um papel. Quem sabe, algum dia ainda conseguirei apanhar para sempre a beleza daquela árvore coberta de flores, o voo do pássaro, o salto do jacaré guloso, o seu corpo de jovem forte, a beleza de minha noiva Maria Angélica. Quem sabe? Quem sabe?

Francamente, eu não compreendia o alcance daquelas palavras. O Sr. Hércules parecia, naquele instante, falar de coisas do outro mundo.

Muito mais tarde, o Sr. Hércules, vivendo em Campinas, conseguiria realizar, em parte, suas ideias sobre fixar imagens em papel. Era o princípio de um invento prodigioso. E, numa série de pequenos escritos que fiz mais tarde a respeito da viagem do Tietê ao Amazonas, incluí um sobre o Sr. Hércules, pessoa que veio a se tornar muito importante para o nosso país. Esse capítulo se chamou: “Depois...”, quer dizer, a vida do Sr. Hércules após o dia em que o navio partiu de Belém para o mar aberto. Mas essa é outra história, que fica para outra vez.

O Maromba consegue fugir?

Passamos, muito para frente, diante de Breves e, à esquerda, vimos a ilha de Marajó.

O Sr. Manfredo parecia em pânico e não compreendia por que não mandavam prender logo o Maromba e exigiam dele a entrega da pedra. Perova respondeu que se podia pôr tudo a perder!

Eu confiava. Meu amigo devia saber a forma de agir.

No décimo sexto dia de viagem, chegamos, enfim, à capital do Pará. Para espanto do Sr. Manfredo e de todos nós, quando o navio atracou, vimos que, entre as pessoas a deixar o lugar, uma se afastava rapidamente, carregando um picuá de tecido.

— É ele! É ele, o Maromba! Nosso peixe grande escapou do anzol e foge! — disse o Sr. Manfredo, muito desolado.

Então, interroguei Perova com firmeza. Não compreendia sua atitude ali e não concordava com seu modo de fazer as coisas — calado e deixando as pessoas em desespero. Será que não se enganara ou não estava restabelecido, como eu imaginava?

— Tenha calma. Está tudo de acordo com o plano — respondeu com firmeza.

— Por Deus. Não entendo mais nada — pois se o homem foi embora?...

Então ele se abriu num sorriso e, para a tranquilidade do Sr. Manfredo e dos membros da expedição, explicou:

— Vocês viram que as mercadorias foram empilhadas no porão do navio e, entre elas, havia um corredor estreito, mas que dava para uma pessoa se locomover, indo até o final.

Todos estavam atentos.

— Logo que o navio partiu, apanhei, entre as plantas que estão sendo levadas pelo Sr. Luís, alguns urucus, frutos vermelhos usados pelos índios para pintura do corpo em suas festas. Com o pó, preparei uma armadilha...

— Diga, diga logo! — interrompeu o Sr. Manfredo, muito ansioso.

— Minha intenção era descobrir em qual daquelas pilhas de mercadorias, ao longo do corredor bem comprido, Maromba escondera o picuá. Então coloquei à entrada, no piso de tábuas largas, boa quantidade do pó encarnado.

— E depois?

— Imaginei que o criminoso, durante a viagem e, com certeza, antes de o navio chegar a Belém, viria procurar o picuá.

— Nesse caso, pisando no pó vermelho, que lhe aderiria aos pés, faria um rastro que ia indicar a pilha no corredor do navio onde estava escondido o diamante — disse o Sr. Hércules, compreendendo tudo.

— E isso aconteceu de fato? — perguntou o Sr. Manfredo.

— Não deu outra. Três dias depois da partida, o Maromba foi verificar, de modo sorrateiro e muito preocupado, se o picuá permanecia no mesmo lugar e, tranqüilizado, regressou para seus trabalhos.

Mas ninguém ainda se convencera, pois o bandido deixara o barco, levando seu picuá.

— Não entendo! Explique-se! — dizia o Sr. Manfredo.

Perova continuou:

— O Maromba, como disse, indicou com as marcas de seus pés o esconderijo do picuá, o qual permanecia no mesmo lugar em que o deixara. Então fui lá, achei a bolsa, retirei dela a pedra e coloquei no lugar um quartzo, mais ou menos do mesmo tamanho e peso. Se o tratante voltasse por lá e apalpasse o picuá, ficaria tranqüilo, pensando estar dentro o diamante.

Realmente retornou ao porão, pouco antes de o navio ancorar, apanhou o volume, desembarcou apressado e foi-se embora, misturando-se entre a gente do porto.

Perova, então, abriu uma bolsa que segurava e, à vista de todos, exibiu-nos a pedra.

O Sr. Luís e em seguida o Sr. Hércules a tomaram nas mãos, muito admirados com o peso e volume descomunal do diamante.

— Talvez seja a maior gema encontrada no Brasil! — comentou o Sr. Manfredo, inteiramente calmo com o resultado feliz da trama engendrada por Perova.

— E agora? — perguntei.

Quem sugeriu foi Pe. Lopes, que acabava de chegar-se ao nosso grupo:

— Iremos à presença do governador da província.

Todos concordaram que aquela era uma boa decisão.

Dois presentes reais

Pe. Lopes resolveu se unir a nós na visita programada à autoridade. A esta também ia entregar o mapa dos Martírios, conforme combinara com Braz Antônio.

O senhor governador, pessoa simpática e extrovertida, ao nos receber, parabenizou o grupo pelos dois “presentes reais”, como disse. E prometeu encaminhar o assunto “em conformidade com os preceitos legais pertinentes”! E acrescentou, de modo pomposo:

— Os nomes de todos serão inscritos nas páginas da História! Ao Braz Antônio certamente confiamos, dentro em breve, o comando de uma entrada nos sertões dos Araés.

Todos ficamos felizes com aquela indicação. Braz Antônio era, de fato, merecedor.

— Quanto ao roteiro, sob nossa guarda — continuou o governador —, será “precioso, preciosíssimo”, um tesouro.

E sobre a “Expedição dos Russos”:

— “Assinalara verdadeira epopeia nos ínvios^[97] sertões do Brasil e mereciam, os seus participantes, o eterno reconhecimento da pátria.”

Achamos que o governador era homem esclarecido, afável e falava bonito.

Tivemos também uma grata surpresa ao sabermos, nos dias seguintes, que nosso amigo Manfredo fora convidado pelo então general-comandante da província a assumir o Posto de Registro, a ser instalado em Santarém ou Óbidos, com jurisdição em largo trecho da bacia amazônica, cargo que aceitou e para o qual tinha realmente qualificações.

No tocante ao Sr. Durão, o general, indignado, tachou-o a altos brados de peculatório. Iria comunicar o crime ao governo de Cuiabá e pedir sua destituição do cargo ocupado, além de ser punido exemplarmente.

Quanto ao Maromba, certamente nunca poderia explicar àquele seu parceiro de falcatrua como a pedra desaparecera: ficaria tachado, para sempre, como “ladrão que rouba ladrão”! E, como o crime não compensa, nenhum resultado colhera.

Mas, ainda, nos assegurou o general:

— A polícia irá atrás dele logo mais e, se lhe deitarmos as mãos, pagará

também pelos abusos cometidos contra o nosso “verdadeiro e único dono da terra, o indígena”!

Bem ao final do mês, o Sr. Hércules conseguiu um brigue^{98} capaz de nos levar de Belém ao Rio de Janeiro, etapa final da viagem!

Despedimo-nos, com o coração apertado, do Pe. Lopes e do Sr. Manfredo. Cada qual ia seguir seu destino e cumprir novas missões. Nós também!

O navio arrostou^{99} corajosamente o oceano, mas ainda por muitas e muitas léguas navegou sobre as águas doces do rio Amazonas, que pareciam não nos querer abandonar.

Lembrança final, mas ainda em tempo...

Ia me esquecendo de contar: um dia antes de partirmos de Santarém, Perova e eu fomos conversar com Braz Antônio e, desprendidamente, mas com funda tristeza, lhe comunicamos:

— Resolvemos deixar, com o amigo, o nosso “Pixuíra”.

Ele nos olhou sério e comovido, depois pegou na minha mão, num gesto de agradecimento.

— Sei o quanto é difícil se apartarem desse barco. Mas é impossível levá-lo!

— Fica em sua companhia, como bom “companheiro”.

— Prometo cuidar dele. Vai me fazer recordar sempre de você. Uma espécie de reparação também, pois meu barco, como sabem, foi roubado lá na enseada... Mas... estou encabulado! Devia fazer algum pagamento.

— Esqueça. Jamais íamos vender o “Pixuíra” e, nas suas mãos, é como se a gente ainda continuasse a remar pelos nossos rios...

— Quem sabe um dia ele irá me levar aos Martírios! — disse Braz Antônio.

— Então, esse tronco de madeira escavada realizará o sonho do tio Juvenal, de Perova e o meu?

— É verdade — concordou, por último, Braz Antônio —, e vou me lembrar dos rumos, graças ao velho roteiro, que o destino colocou em minhas mãos. Não tenho mais dúvidas para lá chegar! Tudo está muito vivo aqui na minha cabeça; é só partir com coragem e decisão em busca daquele lugar misterioso.

Eu e Perova silenciamos mas, naquele instante, não pudemos deixar de pensar no acontecimento da cachoeira, junto à tribo dos Apiacá e na figura do Bugre-do-Chapéu-de-Anta!

Fora ele certamente que salvara o Perova de morrer no abismo. E, assim, para nós, se redimira de tantos males que nos causara. Mas, quanto ao seu destino, jamais tivemos notícia.



Despedimo-nos, com o coração apertado.

PARA ENTENDER MELHOR AS AVENTURAS DE TONICO E PEROVA

Os momentos emocionantes vividos por Tonico e Perova em suas expedições pelo Brasil estão narrados em três livros de Francisco Marins, publicados na Série Vaga-Lume: O mistério dos Morros Dourados, A Montanha das Duas Cabeças e este Em Busca do Diamante, que você acabou de ler. Apresentamos a seguir algumas informações e explicações que vão ajudá-lo a entender melhor a trajetória desses valentes aventureiros.

O roteiro

Tudo começou quando Tonico e Perova foram aos sertões à procura de tio Juvenal, que em companhia do Bugre-Chapéu-de-Anta, tinha partido tempos atrás à procura do ouro dos Martírios. Tonico e Perova seguiram desde Porto Feliz (SP) na “Expedição dos Russos”, percorrendo mais ou menos o itinerário dos antigos bandeirantes e sertanistas navegando pelos rios Tietê (antigo Anhembi), Paraná, Pardo, Varadouro de Camapuã (onde carregaram as canoas através da mata), Coxim, Taquari, Paraguai e Cuiabá.

Desligando-se da expedição, durante vários anos, os dois amigos viveram muitas aventuras nas matas de Goiás e Mato Grosso e quase morreram nas mãos do Bugre-Chapéu-de-Anta. E, depois, casualmente reencontraram os amigos da “Expedição dos Russos”, com quem iniciaram uma longa e emocionante viagem de volta: de Quilombo-Açu alcançaram os rios Juruena e Tapajós e, finalmente, o grande Amazonas.

Existiu realmente o lugar conhecido por Martírios?

Sim. O lugar misterioso, de muito ouro à flor da terra, foi visto por dois meninos: Antoninho e Bartolomeu, que haviam acompanhado os pais bandeirantes aos sertões do Oeste.

O primeiro — Antonio Pires de Campos — mais tarde traçou de memória um roteiro ou mapa para se chegar aos Martírios, o que motivou muitos sertanistas a partirem à procura daquele lugar misterioso, só localizado neste século. A sua procura, entretanto, teria contribuído para o desbravamento de larga parte de território desconhecido.

No tempo em que Tonico teria escrito sua história, os Martírios ainda não haviam sido reencontrados, e é por isso que nem ele nem os companheiros, realmente, localizaram o lugar exato das minas.

Já neste século a famosa “Expedição Roncador-Xingu” — que abriria

regiões do Oeste brasileiro à civilização e rumos geográficos para a futura construção de Brasília no planalto central — adotou, inicialmente, o nome “Expedição aos Martírios”, numa demonstração da importância e permanência dessa lenda. Alguns estudiosos chegaram a aventar a possibilidade de que o sítio dos Martírios seria o mesmo ou estaria bem próximo da região de Serra Pelada, no Pará, onde há alguns anos foi aberto imenso garimpo.

Expedição Langsdorff

Organizada pelo governo da Rússia, sob o czar Alexandre I, essa expedição científica era chefiada pelo barão de Langsdorff. Partiu do Rio de Janeiro a 3 de setembro de 1825 e em 22 de junho de 1826 deixou Porto Feliz (SP), Tietê abaixo, retornando ao Rio de Janeiro em 26 de março de 1829. Percorreu vastas regiões do interior do Brasil — São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Amazonas e Pará. Seus principais objetivos eram “descobertas científicas, geográficas, estatísticas e outras pesquisas, estudo sobre produtos não conhecidos no mercado, coleção de objetos de todo reino natural”.

Depois de ter ficado esquecido durante muito tempo, o material recolhido pelos pesquisadores da expedição foi descoberto em 1930 nos porões do Jardim Botânico de Leningrado.

FIM



Notas

{1} **manancial:** nascente de água.

{2} **rincão:** lugar indeterminado, distante.

{3} **rio-mar:** nome dado por brasileiros ao rio Amazonas.

{4} **choça:** cabana, habitação pobre.

{5} **guariba:** macaco corpulento.

{6} **Hércules Florence:** de origem francesa, viveu cinquenta anos em São Paulo. Escreveu sobre os costumes brasileiros, registrando ainda em expressivos desenhos as paisagens da nossa terra e os hábitos de nosso povo. E considerado um dos precursores da fotografia.

Redigiu uma espécie de diário da Expedição, que, traduzido do francês para o português pelo Visconde de Taunay, foi publicado em 1875 sob o título Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas.

{7} **popa:** parte posterior de uma embarcação.

{8} **intempestiva:** imprevista, súbita, inoportuna.

{9} **exator:** cobrador de impostos.

{10} **insólita:** que não é habitual, contrário ao costume.

{11} **alforria:** liberdade concedida ao escravo.

{12} **gema:** pedra de valor.

{13} **pau-a-pique:** parede feita de varas entrecruzadas e barro.

{14} **gilvaz:** cicatriz no rosto.

{15} **corixo:** canal por onde as águas dos lagos escoam para rios vizinhos.

{16} **canarana:** gramínea que costuma ser usada como forragem.

{17} **igarapé:** canal estreito entre duas ilhas ou entre uma ilha e terra firme.

{18} **cipó-timbó:** trepadeira usada para atordoar peixes.

{19} **alheamento:** ato de afastar-se de si mesmo, alienar-se.

{20} **muriçoca:** mosquito.

{21} **samburá:** cesto de cipó ou taquara, que serve para pegar ou guardar peixes.

{22} **desguaritar:** separar-se de companheiros do grupo.

{23} **conivente:** que finge não ver ou encobre o que o outro fez de errado.

{24} **embira:** arbusto cuja casca é utilizada na confecção de corda.

{25} **esviscerar:** arrancar as vísceras, estripar.

{26} **moquear:** secar carne ou peixe para conservas.

{27} **garatujar:** cobrir com garatujas, rabiscar.

{28} **abudo:** que tem abas grandes.

{29} **varejão:** vara grande usada para dar impulso a uma embarcação.

{30} **piroga:** barco feito de tronco escavado a fogo.

{31} **légua:** cada légua corresponde a 6.600 metros.

{32} **tuiuiú:** ave branca, de garganta pelada e avermelhada, parecida com a garça.

{33} **arranhar:** conhecer pouco uma língua.

{34} **dissecar:** separar as partes de um cadáver para estudar sua anatomia.

{35} **carreador:** trilha, picada.

{36} **pacova:** variedade de banana grande.

{37} **renque:** ala, fileira.

{38} **abicar:** encalhar uma embarcação propositamente.

{39} **reencetar:** reiniciar.

{40} **trilho:** caminho, rumo, trilha.

{41} **batido:** de terra socada; envelhecido, gasto.

{42} **mutum:** ave galinácea com penas curvas perto da crista.

{43} **repique:** alarme, rebate.

{44} **curumim:** menino índio.

{45} **enxerga:** cama pobre, catre.

{46} tripé: armação de três pés, sobre a qual se colocam painéis que vão ao fogo

{47} cofiar: afagar, alisar a barba.

{48} hirsuto: em desalinho, com aspecto malcuidado (diz-se de pelo ou cabelo); espetado, eriçado, arrepiado, hirtito. *Observação: esta nota não existia no original, foi incluída quando da digitalização.*

{49} embornal: saco usado a tiracolo para levar alimentos.

{50} catre: cama pobre.

{51} espicaçar: instigar, incitar, estimular.

{52} cunhã: mulher.

{53} sezão: febre intermitente, malária.

{54} azinhaga: caminho estreito, no mato.

{55} quinau: corretivo, lição.

{56} estacar: parar de repente.

{57} jiboiar: ficar em repouso, digerindo uma refeição farta.

{58} jirau: armação de madeira em forma de estrado.

{59} quilombola: refugiado em quilombo.

{60} capitão-do-mato: caçador de escravos foragidos.

{61} lajeado: riacho cujo leito é de rocha.

{62} ciliar: mata que margeia rios.

{63} quilha: estrutura básica de uma embarcação.

{64} binga: isqueiro rudimentar.

{65} pederneira: pedra que solta faísca quando batida com metal; pedra-de-fogo.

{66} leva: pedaço de madeira.

{67} bâtega: chuva grossa, aguaceiro.

{68} toldar: encobrir.

{69} **salto:** queda-d'água, cachoeira.

{70} **braça:** uma braça corresponde a 2,2 m.

{71} **tapuirana:** rede.

{72} **punho:** corda em forma de elo que segura as redes.

{73} **porunga:** recipiente de couro para líquidos.

{74} **alforje:** saco duplo fechado nas pontas, com abertura no meio.

{75} **mangarito:** erva cuja raiz farinácea é comestível.

{76} **Luís Riedel:** botânico, segundo homem da expedição. Substituiu Langsdorff e conduziu com sucesso a expedição a seu destino.

{77} **dragona:** pala enfeitada de franjas douradas ou prateadas.

{78} **tricórnio:** chapéu de três bicos.

{79} **embuste:** mentira, ardil.

{80} **trampolinagem:** trapaça, embuste.

{81} **embarafustar:** entrar de tropel, desordenadamente.

{82} **surrão:** bolsa de saco de couro.

{83} **venatório:** de caça.

{84} **duende:** ser sobrenatural que faz travessuras à noite.

{85} **estirão:** trecho do rio que corre em linha reta.

{86} **vento alísio:** vento persistente que sopra sobre extensas regiões.

{87} **Marquês de Pombal:** com o cargo de secretário dos Negócios Estrangeiros, foi figura principal do governo português entre 1750 e 1777.

{88} **rio Amazonas:** é o maior em volume de água e o segundo em extensão, depois do rio Nilo.

{89} **Sete Cidades:** famoso sítio arqueológico.

{90} **entrada:** expedição que ia para o sertão para procurar minas e aprisionar índios.

{91} **Rugendas:** Johan Moritz Rugendas, ilustrador alemão contratado pelo barão de Langsdorff, chegou ao Brasil em 1821.

{92} **etnografia:** estudo e descrição de um povo.

{93} **picuá:** saco de lona ou pano para levar roupa ou comida.

{94} **azáfama:** muita pressa.'

{95} **açaí:** palmeira que dá um fruto com o qual se prepara um suco muito popular na Amazônia.

{96} **igaçaba:** urna funerária dos índios.

{97} **ínvio:** intransitável, sem caminho.

{98} **brigue:** barco a vela.

{99} **arrostar:** enfrentar.